UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA - LICENCIATURA

Mônica Gomes dos Santos

Dificuldades de Alfabetização e Letramento entre alunos de 3º ano de uma Escola Pública de Ensino Regular

Três Cachoeiras

2010

Mônica Gomes dos Santos

Dificuldades de Alfabetização e Letramento entre alunos de 3° ano de uma Escola Pública de Ensino Regular

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadoras:
Profª. Drª. Carla Beatriz Meinerz
Profª. Marcia Stormowski

Três Cachoeiras

2010

Mônica Gomes dos Santos

Dificuldades de Alfabetização e Letramento entre alunos de 3° ano de uma Escola Pública de Ensino Regular

Este trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado à obtenção de título de Licenciatura em Pedagogia e aprovado em sua forma final pelo Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

_____, _____ de _____de 2010.

_____

Professor e orientador

Titulação

_____

Professor da banca examinadora

Titulação

_____

Professor da banca examinadora

Titulação

Com carinho dedico este trabalho ao meu esposo Jadilson pela motivação e incentivo durante minha caminhada acadêmica e aos meus filhos Joezer e Jediael pelo amor e compreensão que me dedicam.

AGRADECIMENTOS

À Deus primeiramente, pela sua infinita bondade e misericórdia para com minha vida, pelas experiências compartilhadas de fé, força e sabedoria em todos os momentos de dificuldades e nas situações enfrentadas durante a realização deste trabalho ;

Aos meus pais que sempre me incentivaram e acreditaram em meu potencial, e foram meus primeiros mestres que me ensinaram valores importantes como amor, fé e perseverança;

À minha família que me incentivou sempre, e me socorreu nos momentos mais difíceis de cansaço e desânimo com amor e carinho, em especial aos meus filhos Joezer e Jediael;

Ao meu esposo Jadilson por sua compreensão, amor, companheirismo e apoio incondicional durante meu processo de aprendizagem, de crescimento e muitos enfrentamentos;

À minha orientadora Profª. Drª. Carla Beatriz Meinerz pelo apoio, dedicação e orientação que me foi concebido durante a construção deste trabalho;

À minha Tutora orientadora Marcia Stormowski pelo carinho, disposição e atenção dispensada a mim em meus momentos de incertezas e dúvidas;

A todos que estiveram presentes e contribuíram para meu sucesso nessa jornada.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como foco identificar as dificuldades de Alfabetização e Letramento entre alunos de 3° ano de uma Escola Pública de Ensino Regular, bem como os processos de aprendizagem envolvidos, os níveis de desenvolvimento na aquisição da leitura e da escrita e, ainda os níveis cognitivos desses alunos durante meu período de Estágio Curricular do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Para compreensão desses processos traz estudos acerca do conceito de alfabetização, dos princípios Teóricos Metodológicos desta, dos métodos mais comuns utilizados na alfabetização: sintéticos e globais, amplamente conhecidos e do conceito de letramento. Busca investigar os níveis de desenvolvimento cognitivo e os níveis da evolução da lectoescrita envolvendo quatro estudos de casos, representativos do nível geral da turma de 3º ano. A investigação é com base em coletas de dados, fontes e informações extraídas do meu Pbworks de Estágio e do Projeto de Aprendizagem desenvolvido com os alunos do 3º ano durante o meu período de estágio curricular. A análise desses estudos de casos é ancorada nas teorias de Jean Piaget, que nos explica os níveis de desenvolvimento cognitivo da criança sob a perspectiva da epistemologia genética, de Vygotsky que prioriza o caráter social do sujeito reforçando que o conhecimento é construído pelo indivíduo em interação constante com o meio social em que vive sob uma perspectiva sociointeracionista, de Emília Ferreiro a partir da Psicogênese da Língua Escrita onde explica os níveis da evolução da escrita e da leitura dos alunos, ainda as teóricas Marlene Carvalho e Jaqueline Moll que nos ajudam a compreender os processos de alfabetização e letramento envolvidos e as influências que sofrem no desenvolvimento das capacidades linguísticas. O trabalho apresenta atividades realizadas durante meu período de estágio curricular que contribuíram positivamente para a evolução dos alunos nos processos de alfabetização e letramento, como também o diagnóstico das dificuldades de aprendizagem da leitura e da escrita desses alunos. Para finalizar apresenta as considerações sobre a importância de o educador observar as etapas de desenvolvimento cognitivo da criança e de como se estrutura o pensamento e, os fatores envolvidos na aprendizagem para minimizar as

dificuldades encontradas durante o processo de domínio do código lingüístico. Fala ainda da importância de adquirir conhecimento dos princípios Teóricos Metodológicos que orientam os processos de alfabetização e letramento para que tanto o educador quanto a instituição de ensino possa proporcionar atividades e meios de interação eficazes na promoção da alfabetização e do uso social competente da leitura e da escrita.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização. Leitura. Escrita. Letramento. Dificuldades de Aprendizagem.

ABSTRACT

This work of completion for course focuses on identifying the difficulties of literacy and literacy among students of 3rd year of a Regular public school Teaching and learning processes involved, the levels of development in the acquisition of reading and writing and cognitive levels still, these students during my period of Internship course Curriculum of pedagogy at the Faculty of Education at the Federal University of Rio Grande do Sul. For understanding these processes brings studies about the concept of literacy, of this Methodological, theoretical fundamentals of the most common methods used in synthetic and global literacy:, widely known and the concept of literacy. Search investigate the levels of cognitive development and the levels of development of lectoescrita involving four case studies, covering the General level of 3rd year class. Research is based on data collections, fonts and information extracted from my internship Pbworks and learning project developed with students of 3rd year during my curricular internship period. The analysis of case studies is anchored on the theories of Jean Piaget, who explains the levels of cognitive development of children from the perspective of genetic epistemology of Vygotsky that prioritizes the social character of the subject stressing that knowledge is built by the individual in constant interaction with the social environment in which you live under a perspective sociointeracionista, Emilia Ferreiro from Psychogeneses Written language which explains the levels of evolution of writing and reading, yet the theoretical Marlene Carvalho and Jaqueline Moll that help us understand the processes involved in literacy and literacy and the influences that suffer in the development of language skills. The paper presents activities performed during my period of curricular internship that contributed positively to the development of students in literacy and literacy, but also the diagnosis of learning difficulties of reading and writing of these students. To finalize presents considerations about the importance of the educator observe steps cognitive development of children and how to structure the thought and the factors involved in learning to minimize the difficulties encountered during the process of linguistic code domain. Still Speaks of the importance of acquiring knowledge of Theoretical Methodological principles that guide the processes of literacy and literacy for both the educator as teaching

institution can provide activities and means of effective interaction in promoting literacy and social responsible usage of reading and writing.

KEYWORDS: Literacy. Reading. Writing. Learning Disabilities.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Recorte 1 - Reflexão do dia 27/05/2010..... 34

Recorte 2 - Reflexão do dia 10/05/2010..... 35

Recorte 3 - Reflexão do dia 08/06/2010..... 37

Recorte 4 - Foto da atividade do dia 06/05/2010..... 38

Recorte 5 - Foto da atividade do dia 24/05/2010..... 40

Recorte 6 - Reflexão do dia 10/05/2010..... 41

Recorte 7 - Foto da atividade do dia 07/06/2010..... 42

Recorte 8 - Foto da atividade do dia 27/05/2010..... 44

Recorte 9 - Foto da atividade do dia 06/05/2010..... 46

Recorte 10 - Reflexão do dia 03/05/2010..... 47

Recorte 11- Reflexão do dia 01/05/2010..... 48

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: conceitos e autores que explicam os processos de Alfabetização e Letramento..... 15

2.1 Conceito de Alfabetização..... 16

2.2 Princípios Teórico-Metodológicos da Alfabetização..... 17

2.3 Métodos Utilizados na Alfabetização: sintéticos e globais..... 17

2.4 Conceito de Letramento..... 20

3 A EPISTEMOLOGIA GENÉTICA E SUA INFLUÊNCIA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: Níveis de Desenvolvimento..... 22

4 O PROCESSO DE APRENDIZAGEM SOB UMA PERSPECTIVA SOCIOINTERACIONISTA..... 24

5 DIFICULDAES DE APRENDIZAGEM NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DOS ALUNOS..... 25

5.1 Diagnósticos de Dificuldades de Aprendizagem na Aquisição da Leitura e da Escrita dos alunos de 3º ano..... 27

5.2 Níveis de Evolução da Escrita no Processo de Alfabetização..... 28

6 ANÁLISES DOS NÍVEIS DE ALFABETIZAÇÃO DOS ALUNOS..... 29

6.1Coletas de Dados e Análise das Fontes..... 30

6.2 Alunos que representam o Nível de Desenvolvimento Geral da Turma no Processo Linguístico..... 31

6.3 Análises dos Dados e Informações dos Estudos de Casos sob uma Perspectiva Construtivista Interacionista..... 33

7 ATIVIDADES QUE CONTRIBUÍRAM PARA A EVOLUÇÃO DOS ALUNOS NOS PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO..... 45

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....

10 APÊNDICES..... 54

Apêndice 1..... 54

Apêndice 2..... 55

Apêndice 3..... 56

INTRODUÇÃO

Quando a criança chega à escola já é um bom leitor de mundo, traz consigo uma série de conhecimentos prévios que o ajudam a interagir e interpretar as informações que estão a sua volta o que facilita o processo de alfabetização e letramento. No entanto observei durante meu estágio com uma turma de 3º ano, embora heterogênea, ativa e inteligente apresentavam dificuldades no processo de alfabetização, estando no 3º ano supunha-se que todos estivessem alfabetizados, mas apenas três conseguiam ler e compreender sua escrita. Nesse sentido nasceu o questionamento acerca do que teria levado os alunos a desenvolverem essas dificuldades e mesmo heterogêneos apresentarem dificuldades semelhantes, portanto um trabalho de investigação relacionado ao processo de alfabetização seria um tema interessante para meu Trabalho de Conclusão de Curso, então surgiu a questão central: "onde está a lacuna, o que levou esses alunos, embora três anos na escola, a não conseguirem se alfabetizar?".

Acredita-se que essa pergunta é interessante porque ela realmente trata de uma curiosidade que nasceu de minha prática docente, durante a experiência de estágio e, segundo dados mundiais, são crescente as dificuldades de alfabetização enfrentadas pelos alunos em nossas escolas brasileiras, como consequência ainda encontramos muitos alunos na escola analfabetos, o que nos causa preocupação, desejo de identificar e erradicar essas dificuldades apresentadas pelos alunos durante o seu processo de alfabetização.

Para analisar, estudar esse tema foi essencial fazer uso dos registros no meu Pbworks de Estágio [1] que constituem evidências da minha prática de estágio, as reflexões registradas em meu portfólio de aprendizagens, disciplinas do curso em que se estudou a alfabetização, todas as fontes necessárias que me deram subsídios para desenvolver o trabalho

Para fundamentar esse trabalho usei a linha teórica de Piaget para compreender os processos de desenvolvimento da criança, suas ações, e ainda as

---

1

Pbworks de Estágio: espaço digital intitulado http://monicaestagio.pbworks.com/ onde se encontram todas as aulas realizadas e as reflexões decorrentes de meu período de estágio curricular do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ideias de Emília Ferreiro sobre a Psicogênese da Língua Escrita que disponibiliza estudos importantes acerca dos processos de alfabetização e letramento. Magda Soares, Jaqueline Moll e Marlene Carvalho também serão citadas neste trabalho porque ajudam a explicar os conceitos de alfabetização e letramento. Outro teórico bastante influente na minha linha de pensamento é Vygotsky, que nos explica acerca da construção do conhecimento através da interação do sujeito com o meio social.

Esse tema é bastante interessante, pois apresenta muitos dilemas e incertezas, são muitas as dúvidas que se originam frente às situações vivenciadas em relação ao processo de alfabetização do aluno. Por exemplo, às vezes me pergunto que concepção a maioria dos professores possuem de alfabetização? Que perfil o aluno deve ter para se considerar alfabetizado? Quais elementos são avaliados para que esses alunos passem de ano? O que impede um aluno de se alfabetizar estando três anos na escola, num ambiente cuja função principal hoje é alfabetizar os alunos num contexto letrado? Existe um método específico para alfabetizar? Todos os alunos devem ser alfabetizados e avaliados de uma mesma forma, são todos iguais? Essas questões norteiam o estudo.

A conquista da escrita alfabética não garante ao aluno a possibilidade de compreender e produzir textos em linguagem escrita, de tornar-se um escritor e leitor competente. Essa aprendizagem exige um trabalho pedagógico sistemático.

Em um mundo tão complexo, em cenário de constantes transformações, onde precisamos recorrer a variadas fontes de informação e conhecimentos diversos e especializados, a língua materna continua sendo o mais valioso e eficiente instrumento de acesso ao patrimônio sociocultural de que a criança deverá apropriar-se para construir seu lugar no mundo. Esse constitui o requisito primordial para o exercício pleno de suas potencialidades como ser humano e como cidadão, apropria-ser com eficiência da escrita e leitura, e, portanto é alvo central de qualquer iniciativa educacional socialmente comprometida.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: CONCEITOS E AUTORES QUE EXPLICAM OS PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Aprender a ler e escrever é um processo cognitivo, mas também uma atividade cultural e social essencial para a criação de vínculos entre cultura e conhecimento, para tornar o sujeito crítico e cidadão consciente de seus direitos e deveres, para compreender e interpretar o mundo que o rodeia.

O problema da educação no Brasil é um assunto controverso e mais do que teses acadêmicas, debates políticos, é assunto cotidiano. As concepções de alfabetização são múltiplas e embora todos concordem que aprender a ler e escrever é uma coisa boa e essencial, não há uma unanimidade quando se discute a melhor maneira de ensinar alguém ler.

Vivemos em um tempo de comunicação rápida, de profusão de imagens, de linguagens sintéticas, de novas formas de organização de mensagens, essas transformações exigem do indivíduo o pleno domínio da diferentes linguagens, da escrita e da leitura.

Nos dias de hoje interagir com diversas linguagens é não apenas condição de comunicabilidade, como apropriação de conhecimentos e consequentemente desenvolvimento cognitivo.

Diante dos desafios crescentes, bem como as novas perspectivas teóricas , as ciências da educação e da linguagem redirecionaram suas pesquisas no sentido de centrar-se não apenas na observação e na análise do que e como se ensina, mas também na investigação minuciosa de como a criança aprende.

Nesse sentido, na minha experiência de estágio com a turma de 3º ano do ensino fundamental, achei importante abordar nesse trabalho as dificuldades de aprendizagens de alfabetização e letramento que observei na turma, bem como identificar as dificuldades comuns entre os alunos e os processos cognitivos envolvidos nesse período.

Normalmente o professor alfabetizador desenvolve esse trabalho sem saber o que vem ser o processo de aquisição da linguagem escrita, no entanto, sei que a aprendizagem da leitura e escrita tem sido objeto de pesquisa e estudo de várias ciências e para compreender esses processos abordarei os conceitos de alfabetização e letramento sob a luz das teorias de Emília Ferreiro, Magda Soares e

Marlene Carvalho, visando definir o conceito e as concepções fundamentais ao processo de alfabetização.

2.1 Conceito de Alfabetização

Historicamente o conceito de alfabetização se identificou ao ensino aprendizado do sistema alfabético da escrita, que compreende na leitura a capacidade de decodificar os sinais gráficos, transformando-os em sons, e a capacidade do sujeito de codificar os sons da fala transformando-os em sinais gráficos.

A partir de 1980 se alargou o conceito de alfabetização, com os estudos da psicogênese da língua escrita trouxeram os educadores, particularmente Emília Ferreiro e Ana Teberosky o entendimento de que a alfabetização envolve um complexo processo de elaboração de hipóteses sobre a representação linguística não se resumindo apenas a um decifrado de signos e códigos. Nesse sentido, lembro do conceito de letramento, a compreensão que tenho hoje me leva a rejeitar as práticas mecânicas de ensino e de memorização e a pensar nas especificidades da alfabetização.

Considerando os conceitos envolvidos também busco apoio nas teorias de Jean Piaget que nos mostra o sujeito como agente ativo no seu processo de aprendizagem e a compreender as etapas de desenvolvimento da criança, os estágios cognitivos.

O construtivismo em se tratando de alfabetização, prioriza as fases de desenvolvimento do aluno, observa o processo cognitivo do indivíduo e sua interação com o meio. Na epistemologia genética as investigações de Piaget acerca dos processos internos de construção do conhecimento do sujeito me ajudarão a identificar as dificuldades apresentadas pelos alunos de 3º ano do ensino fundamental, terei assim possibilidade de compreender como a criança organiza o pensamento, elabora e reelabora hipóteses.

Piaget (1974) postula que o desenvolvimento segue uma sequência fixa e universal de estágios e que o desenvolvimento das fases da criança pode ou não ocorrer só na relação com o meio social. O estudioso acredita que os conhecimentos são elaborados pela criança espontaneamente de acordo com estágio de desenvolvimento em que se encontra e na ação sob o objeto. Quanto à linguagem,

Piaget (1977) acredita que o pensamento aparece antes da linguagem e que esta possibilita a criança evocar um objeto ou acontecimento ausente na comunicação de conceitos e que só pode ocorrer depois que a criança alcançou um determinado nível de habilidades mentais, é o caso das operações cognitivas.

2.2 Princípios Teórico-Metodológicos da Alfabetização

Muitas teorias de aprendizagem se propõem explicar como a criança aprende o que em minha opinião é fundamental, mas nem sempre ajudam a entender porque algumas crianças aprendem rapidamente, sem maiores dificuldades e outras não.

Antes de identificar e expor aqui as dificuldades comuns na aquisição do sistema linguístico entre os alunos de uma turma de 3º ano de ensino fundamental de uma escola municipal onde cumpri meu estágio do curso de pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, busco a compreensão primeiramente dos conceitos de alfabetização e letramento e, como esse processo ocorre.

O educador que se propõe a alfabetizar deve ter um conhecimento básico sobre os princípios teórico-metodológicos da alfabetização, segundo Carvalho (2005.p.17) para que baseado em algum método de ensino que possa incorporar, adaptar ou inovar, ter domínio de sua prática.

A concepção que dá suporte aos métodos tradicionais vem das correntes associanistas (empirista) e behavioristas, onde o processo de alfabetização é visto como algo externo ao sujeito, na transcrição do fonema (som) para o grafema (letras), concebido como pura associação mecânica entre estímulos visuais e sonoros, considerados mecanismos básicos para o domínio efetivo da leitura e da escrita. Implica a utilização de métodos sintéticos e analíticos no processo de alfabetização do aluno.

2.3 Métodos Utilizados na Alfabetização: sintéticos e globais

Durante décadas e ainda hoje se discute quais métodos são mais eficientes, se os sintéticos que compreende a relação letra/som, da sílaba para a palavra ou os analíticos/globais que partem de unidades maiores da língua como a oração ou a frase partindo de unidades maiores da língua. No desejo de minimizar as

dificuldades dos alunos em relação à alfabetização muitos educadores tentam mesclar esses métodos, fazer combinações de ambas as abordagens teóricas. É comum ver nas escolas do município onde estagiei, pois tenho visitado as outras escolas para fazer observação de algumas turmas, que muitos educadores procuram utilizar a silabação, a soletração, métodos fônicos e palavração em contextos diversos para atingir com êxito a todos os alunos.

Segundo Carvalho (2005, p. 22), nos métodos sintéticos que se baseia na associação de estímulos visuais e auditivos valendo-se da memorização, há uma queixa comum de alunos que não conseguem se alfabetizar pela soletração, dizem reconhecer as letras, mas não conseguem juntar. Nesse sentido as palavras ficam fora de contexto e há poucas possibilidades de despertar no aluno o interesse pela leitura, desassociando alfabetização e letramento.

A autora acredita que para colher resultados satisfatórios é necessário ensinar as relações letra som de forma sistemática, evitando que o ensino fique centrado excessivamente na decodificação, e no exercício da codificação e decodificação não se pode perder o objetivo maior da alfabetização, compreender a leitura (CARVALHO, 2005, p.45).

Ainda hoje em muitas escolas, dentre os métodos sintéticos também o método silábico continua em uso com ênfase excessiva na codificação e decodificação dos signos e apelo à memória, apoiado no treino e na repetição. Mais uma vez posso alertar para a separação entre os processos de alfabetização e o letramento. Há também os métodos fônicos que ressaltam a dimensão sonora da língua e enfatiza as relações entre letras e sons, partem de palavras curtas e simples e também está mais voltado para a alfabetização que para o letramento.

Em frente a todos esse métodos convém ressaltar a importância do domínio da prática valendo-se da experiência e da observação em relação ao educando.

Com base em Carvalho:

> Para a professora, seja qual for o método escolhido, o conhecimento das suas bases teóricas é condição essencial, importantíssima, mas não suficiente. A boa aplicação técnica de um método exige prática, tempo e atenção as reações das crianças, registrar os resultados, ver o que acontece no dia-a-dia e procurar solução para os problemas dos alunos que não acompanham. (CARVALHO, 2005, p.46).

Às vezes as propostas metodológicas na prática se tornam distantes do que a teoria ensina. O professor que se interessa pelo trabalho de alfabetizar busca orientação em algum modelo teórico e ao aplicar procura adaptar as circunstancia reais de sua turma, mescla a outros métodos, aproveita o que considera interessante neste ou naquele e associa a outro no intuito de facilitar a aprendizagem do aluno.

Os métodos globais ou analíticos desdobram-se em processos de palavração, sentenciação e contos, enfatizam de modo geral a compreensão do significado das palavras desde a etapa inicial da alfabetização e não apenas a capacidade de decodificar. De certa forma em minha opinião estes métodos valorizam mais as necessidades e interesses da criança, partem da realidade do aluno e estabelecem relações entre a escola e o contexto social da criança. No entanto, os diversos métodos aqui citados dão certo com algumas crianças, mas nenhum deles é completamente eficaz com todas.

Segundo Moll (1996, p. 58), em uma de suas obras “Alfabetização possível: reinventando o ensinar e o aprender”, a abordagem da alfabetização centrada nos métodos de ensino e na prontidão para a aprendizagem reduz sua abrangência conceitual enquanto objeto de conhecimento e a visão acerca do sujeito que aprende. Nesse sentido é necessário superar as polêmicas acerca de opções e métodos mais adequados, bem como de processos de ensino e introduzir nessa temática seu caráter epistemológico, portanto, entender a alfabetização e o letramento como objeto conceitual remete a busca de respostas a questões epistemológicas que nos ajudem a compreender como o sujeito aprende e como nascem as dificuldades de aprendizagem acerca desses dois processos.

Baseadas na teoria de Jean Piaget acerca da epistemologia genética, a partir da década de 80 as pesquisadoras Emília Ferreiro e Ana Teberosky com o construtivismo forneceram por meio de suas pesquisas uma excelente base teórica para a compreensão de como as crianças aprendem a língua escrita. As pesquisadoras desenvolveram um livro intitulado “Psicogênese da Língua Escrita” com o objetivo de explicar os processos e as formas mediante as quais as crianças aprendem a ler e a escrever, processos esses que começam antes do que a escola concebe.

Emília Ferreiro (2003) vê a alfabetização em um sentido mais amplo, declara em uma entrevista dada a “*Revista Nova Escola” que* alfabetizar significa formar

sujeitos que façam uma leitura de mundo que vá além das letras. Para a teórica, o conceito de letramento que vem sendo discutido por muitos como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita é um retrocesso, hoje o que se fala em letramento é o que compreende e cabe a alfabetização.

> E o que aconteceu com a alfabetização? Virou sinônimo de decodificação?Letramento passou a ser o estar em contato com distintos tipos de textos, o compreender o que se lê. Isso é um retrocesso. Eu me nego a aceitar um período de decodificação prévio aquele em que se passa a perceber a função social do texto. Acreditar nisso é dar razão à velha consciência fonológica. (FERREIRO, 2003, p.30)

Fundamentada na teoria psicogenética do conhecimento de Jean Piaget, a estudiosa tem colaborado para a modificação de uma série de ideias que mitificavam o aprendizado da lectoescrita. Defensora das práticas pedagógicas contextualizadas e significativas para o sujeito apela para o resgate das efetivas práticas socais da escrita.

2.4 Conceito de Letramento

Falando em práticas sociais da escrita e da leitura, muitos lembram o letramento. Letramento é um conceito novo, recente na área da educação e da linguagem, tem origem na palavra "*literacy"* conhecida na Inglaterra e nos Estados Unidos. Magda Soares define letramento como resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita. (SOARES, 1988, p.18 apud CARVALHO, 2005, p.69)

Nesse sentido a teórica afirma que alfabetizar e letrar são processos distintos, frequentemente confundidos, no entanto interligados.

> Uma pessoa alfabetizada conhece o código alfabético, domina as relações grafofônicas, em outras palavras sabe que sons as letras representam, é capaz de ler palavras e textos simples, mas não necessariamente é usuário da leitura e da escrita na vida social [...] Letrado no sentido em que estamos usando esse termo é alguém que se apropriou suficientemente da escrita e

> da leitura com desenvoltura, com propriedade para dar conta de suas atribuições sociais e profissionais. (CARVALHO, 1996, p.66)

Portanto a diferença está na extensão e na qualidade do domínio da lectoescrita. Como vimos letramento é um conceito recente introduzido na linguagem da educação há pouco mais de duas décadas, e como tenho pesquisado surgiu como tal em decorrência da necessidade de configurar e nomear comportamentos e práticas sociais na área da leitura e da escrita que ultrapassem o domínio do sistema alfabético e ortográfico.

Segundo Magda Soares (1998) em uma de suas obras "*Letramento: um tema em três gêneros"* as relações de alfabetização e letramento são de interdependência, ou seja, são processos distintos onde é necessário reconhecer que a alfabetização é a aquisição do sistema convencional da escrita distinguindo-se do letramento entendido como o desenvolvimento de comportamentos de habilidades de uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais diversas.

Portanto distinguem-se em relação aos processos cognitivos e linguísticos quanto ao objeto do conhecimento, e, no entanto são conceitos indissociáveis, a alfabetização só tem sentido no contexto de práticas sociais de leitura e escrita configurando o letramento.

No meu período de estágio com uma turma de 3º ano pude extrair experiências que me permitiram compreender a teoria e vincular à prática. Sabemos que em virtude das crescentes discussões acerca dessa etapa de escolarização e do processo inicial da língua escrita há a preocupação de ofertar metodologias diversas e adequadas ao processo de consolidação de alfabetização dos alunos, no entanto não são suficientes para nos ajudar a identificar as dificuldades dos alunos que surgem e minimizá-las.

Para compreender os processos de aquisição da leitura e da escrita pela criança e suas dificuldades é pertinente buscar explicação sob a luz das teorias de Piaget e Vygotsky.

3. A EPISTEMOLOGIA GENÉTICA E SUA INFLUÊNCIA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: NÍVEIS DE DESENVOLVIMENTO

Jean Piaget em seus estudos era interessado em descobrir como se desenvolve o pensamento humano e assim focalizou o desenvolvimento cognitivo da criança, ele vê a linguagem como manifestação da função simbólica, a função simbólica na criança é a capacidade de representar algo por um símbolo, ou seja, o sujeito é capaz de representar um objeto através de uma imagem mental ou de uma palavra.

Piaget (1987) explica que cada fase do desenvolvimento é pré-requisito para a fase seguinte, pois assimilação de um novo esquema sempre provoca a reorganização dos esquemas anteriores e a acomodação das estruturas antigas às novas, o que hoje se conhece por assimilação e acomodação. São processos cíclicos e contínuos que possibilita o desenvolvimento cognitivo. O aparecimento da função simbólica marca para Piaget o início do período pré-operatório, que vai dos dois aos sete anos. Essa função é considerada extremamente importante no desenvolvimento cognitivo, pois possibilita à criança passar da “inteligência prática” para a “inteligência do pensamento”, então nessa fase a linguagem assumirá importante papel em relação aos esquemas mentais da criança possibilitando a ela uma nova conceituação da realidade.

Esses esquemas mentais são expressos na própria linguagem, então esta passa a ter uma função cognitiva, no entanto ainda é egocêntrica, segundo o que tenho compreendido da teoria.

A fala egocêntrica da criança vai ao longo do período pré-operatório e nas trocas com outras crianças, no contato com adultos, nas experiências vivenciadas pela criança aos poucos a fase vai desaparecendo dando lugar a outra onde o ponto de vista do outro é considerado, uma gradual reversibilidade do pensamento vai sendo observada. A linguagem segue um desenvolvimento conjunto com a evolução do pensamento. No entanto Piaget não realizou investigações acerca da lectoescrita, o que pretendo expor aqui neste trabalho é a visão do indivíduo como sujeito ativo que age sobre o objeto do conhecimento, que pensa, formula hipóteses procurando compreender o mundo que o rodeia.

Jaqueline Moll se refere ao construtivismo como a tese da criação do conhecimento, constituído pelas interações estabelecidas entre o sujeito e o objeto do conhecimento.

> A ação do sujeito constitui-se pressuposto básico nesse processo como mediatizadora da compreensão da realidade e mediadora entre o sujeito e a realidade a ser aprendida [...] O conhecimento humano é construído nas relações do sujeito com a realidade. Esse processo é construído pelas interações estabelecidas entre o sujeito e o objeto do conhecimento, portanto entre o homem e o mundo (MOLL, 1996, p.84)

Nesse sentido a prática pedagógica deve ser redimensionada refutando as perspectivas de cópia, treino, memorização, onde o aluno é visto como sujeito passivo, onde as informações são depositadas.

Ferreiro (1985) acredita que a teoria de Piaget nos permite introduzir a escrita enquanto objeto do conhecimento, e o sujeito da aprendizagem enquanto sujeito cognoscente. O conhecimento é um processo de interação envolvendo o sujeito e o meio e que decorre em etapas designadas estágios de desenvolvimento.

Em todos os estágios a permuta entre o sujeito e o mundo opera-se por dois mecanismos constantes que são a assimilação e a acomodação como havia mencionada anteriormente nesse estudo. Acho importante destacar esses pontos da teoria de Piaget para que possamos compreender como a criança aprende, são as estruturas cognitivas que permitem o aluno compreender, agir, pensar, elaborar e reelaborar hipóteses uma vez que evidencia a organização do pensamento e os processos mentais.

Nessa pesquisa para compreender as dificuldades comuns de alfabetização e letramento precisamos buscar entender como a criança se relaciona com o objeto da aprendizagem. Segundo Moll (1996) para Piaget a criança se apodera de conhecimento no agir sobre ele, pois aprender é modificar, descobrir, inventar, provocar o pensamento. Nesse enfoque a função do educador é propiciar situações para que a criança construa seu sistema de significação, que uma vez organizado na mente será assimilado e acomodado promovendo o crescimento cognitivo e intelectual. A assimilação consiste na incorporação de elementos novos a uma estrutura já existente e o seu polo complementar acomodação consiste nas transformações pelas quais passa a estrutura já existente para incorporar elementos novos.

Em uma de suas obras “Aprendizagem e Conhecimento” Piaget (1979, p.54) distingue a aprendizagem em sentido amplo como a união das aprendizagens “latu sensu” e “stricto sensu” e desses processos de equilibração, ou seja, o estudioso não acredita que o sujeito aprenda de forma restrita, através de estímulo e resposta.

4 O PROCESSO DE APRENDIZAGEM SOB UMA PERSPECTIVA SOCIOINTERACIONISTA

Também tenho buscado explicações nas contribuições de Vygotsky acerca do processo de aprendizagem. Para o pesquisador o ser humano constitui-se enquanto tal na sua relação com o outro, priorizando o caráter social do sujeito, o que considero essencial para entender comportamentos dos alunos em sala de aula. As concepções de Vygotsky sobre o funcionamento do cérebro humano fundamentam-se em suas ideias de que as funções psicológicas superiores são construídas ao longo da história social do homem (VYGOTSKY apud OLIVEIRA, 1992).

Enfatiza em algumas de suas obras a importância dos processos de aprendizagens, para ele esses processos estão relacionados ao desenvolvimento e constituem-se em aspectos universais para o desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas.

No tocante a aquisição da leitura e da escrita, o teórico acredita que o aprendizado destes somente desencadeado num ambiente sócio cultural é que poderia despertar os processos de desenvolvimento interno do indivíduo, noutras palavras, somente assim poderia ocorrer a aprendizagem de fato da criança.

Vygotsky aponta para o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal[2] como básico para entender as relações entre o desenvolvimento e a aprendizado, colocando que é no âmbito dessa zona proximal que pode ocorrer à aprendizagem, referindo-se à construção de um conhecimento que se dá quando o aprendiz é desafiado com questionamentos ou pequenos problemas, levando o sujeito a um

---

2

Zona de Desenvolvimento Proximal: é um conceito elaborado pelo estudioso Vygotsky e define a distância entre o *nível de desenvolvimento real*, determinado pela capacidade de resolver um problema sem ajuda, e o *nível de desenvolvimento potencial*, determinado através de resolução de um problema sob a orientação de um adulto ou em colaboração com outro companheiro.

desempenho considerável desenvolvendo a inteligência. Nesse sentido reforça que o conhecimento é construído pelo sujeito em interação constante com o meio social em que vive.

A linguagem segundo o estudioso sistematiza a experiência direta das crianças e por isso adquire uma função central no desenvolvimento cognitivo, reorganizando os processos que nele estão em andamento (VYGOTSKY, 1989).

A aquisição da linguagem pela criança modifica suas funções mentais superiores, ela dá uma forma definida ao pensamento, possibilita o aparecimento da imaginação, da percepção, o uso da memória e o planejamento da ação pelo sujeito.

Portanto a linguagem contém e sistematiza as experiências vivenciadas e cultivadas pelo meio social a que o indivíduo pertence e intercede as operações do pensamento. Acredita-se que o processo de desenvolvimento segue o da aprendizagem, que cria a Zona de Desenvolvimento Proximal.

Se concebermos o processo de escolarização sob um olhar sociointeracionista, conseguiremos compreender que os alunos são singulares e cada uma responde de modo diverso à nossa mediação como educadores.

5 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DOS ALUNOS

Em face da teoria adotada nesse trabalho, para dar conta da proposta e identificar as dificuldades de alfabetização e letramento entre os alunos de 3º ano da de ensino fundamental da escola na qual cumpri meu estágio do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, farei uso das reflexões e ações descritas acerca das aulas dadas em 200 horas de estágio curricular. As fontes que foram coletadas, os dados e informações acerca da instituição de ensino e dos alunos se encontram em documento eletrônico “monicaestagio. pbwoks.com”. Esses dados e informações tratam de descrições das aulas realizadas, da arquitetura pedagógica por mim adotada, das reflexões acerca das ações dos alunos e de como o processo de aprendizagem decorreu, como a metodologia influenciou a aprendizagem dos alunos referente à aquisição da leitura e da escrita, bem como as dificuldades que foram observadas durante esse período e que foram o ponto de partida para a questão central desse trabalho de conclusão de curso.

As dificuldades de leitura e escrita impedem o progresso educacional em várias áreas porque essas práticas são importantes vias de acesso para uma variedade de informações e apropriação do conhecimento. Segundo Jerusa Salles em sua tese de doutorado *Habilidades e Dificuldades de Leitura e Escrita em Crianças de 2ª Série: Abordagem Neuropsicológica Cognitiva, o* estudo dos problemas de aprendizagem da leitura e escrita é bastante antigo, e muitas teorias se propõem explicar os déficits na leitura e escrita em crianças. No entanto há controvérsias acerca dos fatores envolvidos no processo de aprendizagem que acarretam dificuldades, muitos acreditam que as causas são de dimensão social e outros apontam fatores cognitivos.

Salles (2005, p.173) no que diz as características das dificuldades de leitura e de escrita e consequentemente as definições e diagnósticos destas dependem das características dos sistemas de escrita no qual a criança está sendo alfabetizada ou em processo de consolidação. Para se ter uma avaliação mais precisa dos dados coletados e identificar as dificuldades entre os alunos de 3 º ano acerca da aquisição da lectoescrita é pertinente também observar o plano de estudos utilizado na série na escola, a metodologia adotada pela instituição de ensino e a influência que exerce no processo de consolidação da alfabetização destes alunos.

Não tenho pretensão de achar uma solução para erradicar as dificuldades dos alunos em relação à alfabetização e letramento, até então porque existem muitos estudos científicos acerca da temática e teóricos influentes que se propõem ajudar nesse sentido, no entanto não foi possível achar uma solução equivalente porque senão se falava mais nessa problemática da educação.

Mas procuro como educadora manter minha responsabilidade e compromisso com a educação, e contribuir com uma parcela nesse embate identificando as dificuldades comuns de alfabetização e letramento entre os alunos de 3º ano na escola municipal de ensino fundamental onde cumpri meu estágio curricular.

5.1 Diagnósticos de Dificuldades de Aprendizagem na Aquisição da Leitura e da Escrita dos Alunos de 3º ano

Meu estágio curricular do curso de pedagogia com a turma de 3° ano, que será muito citado neste estudo, me levou a considerar os processos de aprendizagem envolvidos na lectoescrita, devido à turma quase que de forma homogênea ter apresentado dificuldades acerca da aquisição desses processos. Fiquei inculcada com o fato de uma turma de 3° ano apresentar tantas dificuldades na leitura e na escrita, em minha concepção de alfabetização baseada na psicogênese da língua escrita acreditava que todos estivessem alfabetizados progredindo na consolidação dos processos de alfabetização e letramento, acompanhados de avanços significativos na compreensão dos usos e funções da linguagem e, no entanto a experiência foi diferente do que se esperava.

A questão fundamental a ser analisada está relacionada às dificuldades do aprendizado da leitura e da escrita dos alunos em processo de consolidação. Para desenvolver esse trabalho fiz análises das aulas práticas realizadas durante meu período de estágio e para identificar os sinais indicativos de quais eram as reais dificuldades dos alunos envolvidos.

Nessas aulas estão registradas as ações dos alunos sobre o objeto do conhecimento, neste caso a língua materna, as “falas” dos alunos, relacionadas às atividades de leitura escrita, as atividades de leitura e escrita que deram resultados positivos, os comportamentos e procedimentos, as reações e deduções dos educandos focadas na escrita de palavras e leitura, bem como as reflexões desencadeadas acerca das hipóteses de escrita e leitura observadas nas crianças. Constam para análises também registradas no Pbworks de Estágio as práticas utilizadas pela professora nesse período vinculada a metodologia de ensino adotada pela escola, ainda o plano de estudos do 3° ano, e paralelamente o Projeto de Aprendizagem explicitada na arquitetura pedagógica que desenvolvi com a turma, sem os quais não seria possível estabelecer comparações que me levem a atingir o terceiro e quarto objetivo desse trabalho que compreende pesquisar as metodologias de ensino utilizadas no processo de consolidação de alfabetização dos alunos e apresentar fatos e experiências positivas que contribuíram para evolução dos alunos de terceiro ano do ensino fundamental durante o período de estágio no processo de alfabetização e letramento;

Para abordar aspectos vinculados ao ensino da leitura e da escrita faz-se necessário uma breve consideração sobre as hipóteses que as crianças levantam sobre o sistema de escrita.

5.2. Níveis de Evolução da Escrita no Processo de Alfabetização

Emília Ferreiro e Ana Teberosky em sua obra “Psicogênese da língua escrita” propõem a existência de níveis sucessivos no processo de aprendizagem do sistema da escrita sobre os quais farei uma sucinta apresentação.

O Nível Pré-Silábico compreende ao processo no qual a criança sente a necessidade de diferenciar a escrita de desenho e do próprio objeto, para ela a escrita é algo oposto a tudo que não considera um desenho. Essa fase exige muito esforço da criança, muito pensar, relacionar e recriar, ela inicia o caminho da escrita imitando e tentando copiar traçados gráficos. À medida que avançam nesse nível as crianças começam a estabelecer exigências que constituirão dois importantes princípios organizadores na formalização de suas hipóteses de escrita, quando buscam registrar diferenças entre palavras por meio de quantidades de letras experimentando variações e posições dos caracteres empregados.

Quando a criança descobre que a escrita não está relacionada ao próprio objeto, nem a o nome do objeto, mas a fala, de que a escrita representa um valor sonoro, formulará novas hipóteses que a estimulará a prosseguir com suas investigações e ela procurará entender como isso funciona construindo a hipótese silábica, ou seja, para cada emissão de voz coloca uma marca no papel. O aluno percebe então a fonética e avançando nessa hipótese o aluno passa por um período de transição, ora escreve silabicamente, ora alfabeticamente, caracterizando assim a hipótese silábica alfabética. Ferreiro (1985) explica que a criança não avança um patamar abandonando o anterior, mas englobando e fazendo construções convergentes com avanço.

Neste nível a criança começa a estabelecer os primeiros vínculos de correspondência entre fala e escrita, uma vez que acredita que cada letra representa uma sílaba. É importante considerar as contradições e os conflitos pelos quais a criança passa como movimentos que configuram futuramente avanços essenciais para a apropriação do sistema de escrita. Nesse nível do processo de aquisição da

escrita encontravam-se dois alunos da turma de 3° ano em foco neste trabalho que veremos mais a frente.

O nível silábico alfabético caracteriza-se como um período de transição, em que o sujeito questiona e matem simultaneamente as relações silábicas. Já compreende que as sílabas podem ser formadas por mais de uma letra, por isso apresentam palavras incluindo **sílabas** representadas por uma letra e outras por mais de uma letra. Nessa fase os alunos se esforçam para dar mais sentido às hipóteses que fazem sobre s enunciados sonoros. É um movimento fundamental no desenvolvimento do processo pessoal e cognitivo do aluno, as informações que recebe do meio, as conquistas pessoais referente aos níveis anteriores e às vezes a insatisfação como observei em muitos alunos da turma, por não conseguirem ainda decifrar como o sistema de escrita se estrutura acabam gerando inúmeros conflitos cognitivos que desestabiliza as hipóteses anteriores, avançando para a escrita alfabética.

Na escrita alfabética a criança descobre a relação fonema e grafema, ou seja, as relações entre **letras e sons**. Ela escreve e consegue ler quando compreende a composição interna do sistema de escrita e sua língua materna. Nesse nível para melhor compreendermos posso dizer que surge na criança a compreensão da logicidade da base alfabética, ou seja, ela sabe que **B** e **O** são grafados **BO** e, **L** e **A** são grafados **LA** e que juntos significam **BOLA**, também apresenta conhecimento do valor sonoro convencional de todas ou grande parte das letras e que juntas formam sílabas e palavras, e por fim aprende a fazer distinção de letra, sílaba e frase, portanto o desafio segue em direção à escrita convencional.

6 ANÁLISES DOS NÍVEIS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DOS ALUNOS

Agora partindo do conhecimento dos níveis linguísticos, farei análises seguidas de trechos de “escritas de alunos” do 3° ano do estudo em questão.

As características das dificuldades de leitura e escrita, e consequentemente as definições os diagnósticos destas dependem das características dos sistemas de escrita no qual a criança está sendo ou foi alfabetizada e ainda ajudará no início do processo de intervenção caso necessário. Segundo Salles (2005, p.19), as definições mais tradicionais adotam um sistema por exclusão, através da

comparação do nível de leitura com Quociente Intelectual (QI). Essa concepção de dislexia não inclui as crianças que vivem em ambientes culturais pobres. Portanto essa concepção acaba deixando de lado a dimensão sócio cultural que acompanha o aluno.

6.1 Coleta de Dados e Análise das Fontes

Os dados coletados e fontes de estudo que fornecerão as informações adequadas e relevantes para identificar as dificuldades de alfabetização e letramento em alunos de 3° ano do ensino fundamental encontram-se no espaço digital intitulado http://monicaestagio.pbworks e trata-se de experiências, fatos e reflexões relacionadas ao processo de aprendizagem desses alunos durante meu período de estágio curricular do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que motivaram a escolha do tema e da questão central de meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Os registros desses eventos servirão como importantes fontes de análises, pois me ajudarão a perseguir as possíveis respostas para a questão central deste trabalho em relação aos níveis de desenvolvimento dos alunos no processo de aquisição da lectoescrita e identificar as dificuldades de aprendizagem presentes. No Apêndice1 podemos analisar o registro de trechos de duas reflexões retirada do meu Pbworks de Estágio acerca do estágio inicial de alfabetização e letramento da turma de 3° ano em questão. As partes em destaque no Apêndice 1 compreendem aos pontos principais da reflexão.

O estágio contemplou uma turma de 3º ano, composta de 12 alunos, oriundos de várias localidades do município de Três Cachoeiras, a maioria de classe média baixa. É uma turma heterogênea, envolvendo alunos de diferentes faixas etárias que moram na zona rural. No início de meu estágio observei que apenas três alunos conseguiam ler palavras, frases e textos, os demais liam palavras simples, soletradas e com letras separadas, pois ainda não estão totalmente familiarizados com letra cursiva e apresentavam dificuldades de fonetização.

A metodologia de ensino adotada é desenvolvida burocraticamente a partir de projetos elaborados pelo conjunto de professores das séries iniciais conforme a necessidade dos alunos e com temas relacionados à realidade dos mesmos. O plano de estudo do 3° ano abrange em relação à expansão das possibilidades do

uso da linguagem atividades que envolvem a ordem alfabética, letra cursiva maiúscula e minúscula. Ainda, compreensão oral e escrita de textos, produção de textos coletivos e individuais, aspectos formais do texto (letra maiúscula, parágrafo, título), dificuldades ortográficas, reprodução oral e escrita das histórias lidas e ouvidas, ou seja, os conteúdos que desenvolvam no aluno as competências necessárias para serem ativos no mundo letrado. A partir dessa apresentação analisaremos os estudos de caso selecionados dentre os alunos da turma e os aspectos a serem abordados em relação aos níveis de alfabetização, letramento e as dificuldades percebidas nesse processo.

6.2 Alunos que Representam o Nível Geral de Desenvolvimento da Turma no Processo Linguístico

Tenho um caso e o primeiro a citar bastante interessante para abordar neste trabalho que se trata da aluna M.O. A aluna apresenta muitas dificuldades de escrita e leitura para o nível de escolaridade em que se encontra, cheguei pensar em um primeiro momento que a aluna poderia ter problemas visuais, pois observei que sua escrita era descoordenada, não conseguia escrever em linha reta e organizar as palavras num mesmo sentido. Reproduzia o que via no quadro, mas não conseguia ler, apresentava dificuldades para fazer as correspondências entre letras e sons.

O segundo caso envolve o aluno M.A que reconhecia e soletrava as letras, mas no momento de juntar e ler a palavra ora reconhecia e ora não as sílabas. Neste processo percebi que o aluno estava em conflito entre as formas gráficas que o meio lhe propunha e a leitura dessas formas em termos de hipóteses silábicas.

O terceiro aluno trata-se do L.W, demonstrava pouco interesse por atividades de leitura e escrita, baixa auto-estima e grande dificuldade para compreender sua escrita. Colocava uma letra para cada sílaba, sua preocupação residia a princípio nos aspectos quantitativos, mas também apresentava indícios de estar percebendo a fonética, ou seja, o valor sonoro das letras.

E a quarta aluna, V. S. me chamou a atenção por inicialmente apresentar características de que dominava o código alfabético, reconhece as unidades fonológicas, consegue escrever frases, mas apresenta dificuldades para ler uma oração ou um texto. Algumas palavras sofrem aglutinação na sua escrita.

Na tabela abaixo veremos os alunos que foram citados, representativos da turma e será o foco de minhas análises. Veremos os níveis de desenvolvimento cognitivo, níveis de escrita e leitura, características e os principais aspectos que me levaram a investigar as dificuldades de alfabetização e letramento percebidas nesses alunos da turma de 3° ano em que cumpri meu estágio curricular, segundo as informações e dados coletados.

Tabela 01 - Principais aspectos relacionados ao processo linguístico dos alunos de 3° ano:

Estudos de casos (alunos)	Níveis de alfabetização	Níveis de letramentos	Estágio Cognitivo de desenvolvimento	Dificuldades percebidas no Processo	Déficit específico
1º caso **M.D. O**	A aluna encontra-se no nível silábico alfabético. Trata-se de um nível intermediário que se caracteriza por uma escrita mista. A aluna mantém e questiona simultaneamente as relações silábicas, já compreende que as sílabas podem ser formadas por mais de uma letra.	Apresenta capacidade mínima para lidar com materiais escritos. Pouco envolvimento em práticas de letramento. Demonstra dificuldade para compreender uma história lida. Não tem autonomia para lidar com a palavra escrita	A aluna apresenta características do estágio operatório concreto, capaz de realizar ações mentais (operações reversíveis) e trabalhar com operações lógicas. Ultrapassou o egocentrismo e apresenta empatia com os sentimentos e atitudes dos outros.	No processo de aquisição da lectoescrita M.D.O demonstra dificuldades para reconhecer unidades fonoaudiológicas e dominar convenções gráficas. Dominar a relação entre grafema e fonemas. Apresenta dificuldades para identificar finalidades e funções da leitura	Saber ler reconhecendo globalmente as palavras. Decodificar palavras.
2º caso **M.A**	O aluno está no nível silábico alfabético, já faz distinção de letra, palavras e frase o que o aproxima mais do nível alfabético do que o 1º caso, mas ainda mantém escritas silábicas.	Apresenta compreensão dos rótulos e escritas que circulam em nosso meio. Participa ativamente de práticas sociais letradas, por exemplo, a mãe conta histórias para dormir. Ainda não desenvolveu capacidades necessárias para fazer uso social da escrita.	M.A embora com oito anos apresente traços do estágio operatório concreto. Realiza atividades demonstrando a capacidade de reversibilidade do pensamento. Raciocina de forma coerente desde que possa manipular o objeto do conhecimento.	Fazer relações grafemas/fonemas. Ler e compreender frases com estruturas simples. Identificar finalidades e funções da leitura. Dominar convenções gráficas.	Decodificar palavras. Dificuldades na capacidade de decifração.

3º caso **L.W**	O aluno encontra-se nível silábico. Demonstra compreender que as partes da escrita (letras) correspondem a outras tantas partes da palavra (sílabas). Escreve as letras de acordo com a quantidade de partes que reconhece na fala.	Pouco envolvimento em eventos letrados, somente no contexto escolar. Demonstra pouca compreensão das histórias lidas. Apresenta pouca compreensão da cultura escrita, e contato reduzido com práticas de letramento familiar.	O aluno assinala um momento de transição entre o estágio pré-operatório e operatório concreto. Observa-se que há um equilíbrio entre os processos de assimilação e acomodação das hipóteses. O aluno apresenta grande egocentrismo.	Saber ler reconhecendo globalmente as palavras. Dominar a natureza alfabética do sistema. Apresenta dificuldades para ler e compreender palavras compostas por sílabas canônicas. Dominar convenções gráficas, reconhecer o valor sonoro das letras e identificar finalidades e funções da escrita e leitura.	Reconhecer palavras e unidades fonológicas Dominar a natureza alfabética do sistema de escrita. Saber decodificar palavras.
4º caso **V.S.**	A aluna se encaixa no nível alfabético. Reconhece as unidades fonológicas, compreende que cada letra corresponde a valores sonoros menores que a sílaba. No entanto apresenta dificuldades de leitura.	A aluna demonstra interesse por eventos letrados, como contação de histórias, por exemplo. Conhece os usos da escrita na cultura escolar, mas ainda tem apresentado pouca autonomia para fazer uso social da escrita.	A aluna encontra-se no estágio operatório concreto. Esse estágio é caracterizado por uma lógica interna consistente e pela habilidade de solucionar problemas concretos. V.S. apresenta capacidade de fazer análises lógicas.	Dominar convenções gráficas. Compreender a categorização gráfica e funcional das letras.	Desenvolver fluência em leitura.

Considerando a complexidade dos processos envolvidos na leitura e na escrita, é compreensível que o aprendizado destas estas habilidades imponha uma série de dificuldades ao aprendiz.

6.3 Análises dos Dados e Informações dos Estudos de Casos sob uma Perspectiva Construtivista Interacionista

Podemos observar na Tabela 1 no item anterior os níveis de desenvolvimento de cada aluno na aquisição da lectoescrita e os fatores envolvidos que influenciam os déficits na aprendizagem de leitura e escrita.

Sabe-se pelas pesquisas de Emília Ferreiro que a aquisição do conhecimento é um processo e assim não pode estar baseado no sistema “ponto

dado" "ponto ensinado", mas como todo processo ela tem suas fases que compreende aos estágios de desenvolvimento da criança.

A autora explica em sua obra "A Psicogênese da Língua Escrita" que:

> Um sujeito ativo intelectualmente não é um sujeito que "faz muitas coisas", nem um sujeito que tem uma atividade observável. Um sujeito ativo é um sujeito que compara, exclui, ordena, categoriza, reformula, comprova, formula hipóteses, reorganiza, etc., em ação interiorizada (...) ou em ação efetiva. (FERREIRO, 1985, p.29).

Com bases teóricas bastante consistentes, passo a analisar o primeiro caso sob uma perspectiva epistemológica construtivista.

A complexificação das atividades desempenhadas pela criança em função das exigências, necessidades e experiências desencadeadas nas trocas estabelecidas com o meio leva ao início da construção da função simbólica (MOLL, 1996, p.86). Este estágio que se consolida e se desenvolve por volta dos 02 aos 07 anos é conhecido por pré-operatório, caracteriza-se pelo início do desenvolvimento da função simbólica (capacidade de usar símbolos) que para Vygotsky torna-se o marco inicial do uso da linguagem na vida da criança. A função simbólica desenvolve a capacidade do sujeito de diferenciação entre significante e significado (palavra, gesto, imagem) na ação a criança passa ao domínio e exercício da percepção.

A aluna M.D.O, embora tenha 09 anos se percebe que está agora adentrando no estágio operacional concreto, e ainda apresenta resquícios da função simbólica. Vejamos sua interação em uma de minhas reflexões no Recorte1[3] do Pbworks de Estágio:

Recorte. 1 - Reflexão do dia 27/05/2010

3

Recorte1: Compreende a recortes de reflexões realizadas acerca da interação e desenvolvimento dos alunos em aulas práticas descritas em meu Pbworks de Estágio.

PB moricaestagio [licensed for non-commercial use only] ...

chave para um bom aprendizado escolar, no entanto percebi que muitos nunca tinham pegado antes de entrar na escola um gibi, ou um livrinho de literatura infantil com algum clássico, e ter aquele contato foi bastante estimulante para eles. Depois de familiarizar eles com os gibis, a forma como são organizados, o tipo de textos, solicitei que escolhessem uma história bem legal e depois de ler no mínimo duas vezes deveriam contar para toda a classe, iniciando assim a" rodada da hora do conto". Cada um escolheu o gibi que lhe pareceu mais atraente e sentou em sua classe para ler. Observando a movimentação da turma, percebi que a Marisa, uma de minhas alunas que apresenta certa dificuldade no processo de alfabetização e letramento, colocava o dedinho em cima de cada palavra lida, e se não conseguia compreender o significado ou algumas letras perguntava ao Luan que estava ao seu lado, o que já considero um progresso na evolução do seu desenvolvimento, pois demonstra que está adquirindo autonomia, tenta ler, reflete sobre a palavra, fica soletrando, embora pergunte as vezes ao Luan, mas vejo como ajuda mútua. Antes cada letra para ela era um desafio, reconhecia a letra, dizia o nome mas não reconhecia o som, não conseguia fazer a relação grafema/fonema, e antes mesmo de tentar entender a segunda sílaba de uma palavra vinha a minha mesa dizer que não sabia, que não conseguia fazer, queria ajuda, enfim.

Nessa reflexão descreve-se a ação da aluna como uma evolução, que se estendeu do exercício da percepção, ou seja, M.D.O procurava compreender o objeto do conhecimento tentando refletir sobre ele, produzindo novas hipóteses, fazendo as acomodações necessárias à aprendizagem como “soletrar” até conseguir fazer a relação grafema/fonema, a caminho da autonomia.

Em relação ao nível de desenvolvimento da leitura e escrita da aluna M.D.O, cabe ressaltar que no início do meu estágio esta se encontrava na fase silábica alfabética como vimos na tabela acima, e o que podemos comprovar no Recorte 2 retirado do Pbworks de Estágio, de uma atividade com jornais envolvendo linguagem realizada com os alunos de 3º ano em meu período de estágio curricular.

Recorte. 2 - Reflexão do dia 10/05/2010

PB moricaestagio [licensed for non-commercial use only] ...

atividades diferenciadas de acordo com os níveis. A atividade com jornais me levou a refletir acerca da psicogênese da língua escrita e da leitura, segundo Emília Ferreiro. Ainda percebi que há alunos em transição de níveis, do silábico para o silábico alfabético. Quando solicitei que a aluna Marisa lesse a notícia que criara, percebi que a impossibiliadade dela mesma ler o que escreveu constituiu-se um enorme conflito para ela, vi que ela não decodificava a sua própria escrita por que lhe faltava elementos discriminatórios, ou seja, ela estava percebendo que faltavam letras e entrou em conflito interno, desestabilizando a hipótese sílábica. Percebi que ela escrevia novamente as palavras acrescentando letras, ora constrói escritas silábicas, ora alfabéticas.

Várias hipóteses cognitivas são construídas desde que a criança começa a pensar a escrita e tentar expressá-la graficamente. Há um processo intensivo de pensamento sobre a produção escrita desde sua gênese até a criança descobrir o que a escrita representa. Não se constitui uma tarefa fácil para o aluno, podemos observar que M.D.O procura estabelecer relações entre a pronúncia e a escrita e não estando satisfeita com sua escrita, abandona a hipótese silábica continuando a frase numa escrita progressivamente mais sociável. Observa-se que a aluna ora escreve silábico ora escreve alfabético. Outra questão que tenho analisado é que esta apresenta pouca destreza motora, apresenta dificuldades de distribuição espacial das palavras em uma oração.

Por se tratar de um nível intermediário é conflitante para a criança esta fase, pois precisa negar a lógica do nível silábico, ela já compreende que as sílabas podem ser formadas por mais de uma letra. É uma etapa em que o aluno se esforça para dar mais sentido às hipóteses que fazem sobre os enunciados sonoros, procurando unidades menores que as sílabas que justifiquem a possibilidade de representá-las por mais de uma letra.

Outro aspecto a se considerar a aqui é a dimensão do letramento. Sabemos que há muitos tipos de letramentos, que as crianças são letradas no sentido de possuírem estratégias orais letradas antes mesmo de serem alfabetizadas.

Segundo Magda Soares um indivíduo pode não saber ler e escrever, isto é ser analfabeto, mas de certa forma letrado quando vive em um ambiente onde acontecem leituras e se interessa por tais práticas. A autora registra que:

> Um indivíduo alfabetizado não é um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever, já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita [...] Enfim, letramento é o estado ou condição de quem se envolve nas numerosas e variadas práticas sociais de leitura e de escrita. (SOARES, 1998, p.39 e 44).

O fenômeno letramento extrapola o mundo da escrita e, a escola como a mais importante das agências de letramento focaliza não o letramento como prática social, mas uma das práticas de letramento a alfabetização. Nesse sentido a aluna

M.D.O, observando o Recorte 3, é vista na reflexão como uma criança que possui experiências mínimas em práticas de letramento.

A aluna provém de uma família que mora na zona rural e apresenta nível de escolarização baixo, tendo pouco contato com diferentes manifestações da escrita, e pouco envolvimento em práticas sociais de escrita e de leitura, por exemplo, contação de história à noite por familiares, acesso restrito a revistas e jornais, poucos enunciados pelas ruas, o que hoje resulta nas dificuldades maiores desta aluna na aquisição do sistema da lectoescrita. Vejamos esta reflexão acerca do estado de letramento dos alunos da turma de 3º ano, referente à aula que envolvia contação de História e bingo de palavras:

Recorte. 3 - Reflexão do dia 08/06/2010

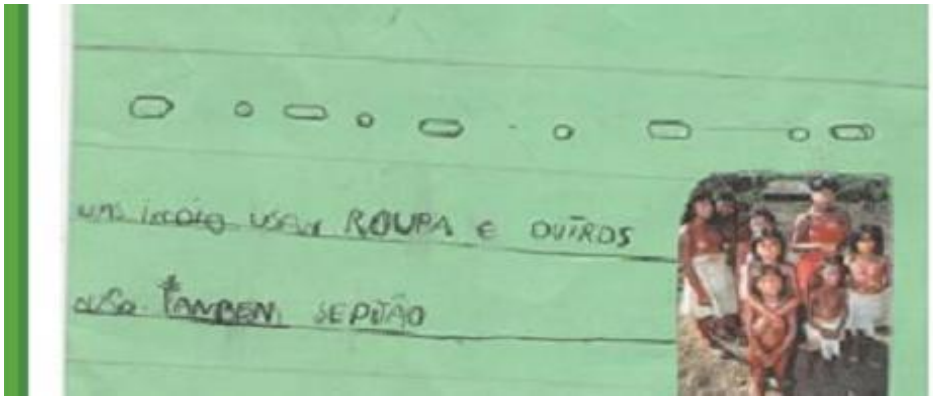
é o papagaio porque saiu da toca para ver o tempo e nao foi atingido pelo raio. Os alunos adoraram a história, queriam pegar o livro, tocar, ver, então reuni toda a coleção deste mesmo autor, e levei para sala de aula para que toda a turma pudesse olhar, folhear, ler, tocar, pois refletindo sobre a questão da alfabetização e letramento, acredito que os alunos só se formarão bons leitores se tiverem contato íntimo com textos variados, histórias, livros literários para despertar neles o gosto e o prazer pela leitura, afinal só se aprende ler lendo. Percebo que muitos dos meus alunos possuem pouco contato com livros, histórias diversas, fábulas, contos, devido a cultura familiar, como também as condições financeiras precárias. Nesse sentido, a escola é a única aproximação que os alunos possuem de livros e textos variados, e uma forma de os aproximar do mundo da leitura é praticando com eles. Aproveitando para consolidar a alfabetização e ampliar o letramento social dos alunos, solicitei que cada um escolhesse um livro para ler dessa coleção, e ainda, interdisciplinarmente envolvendo histórias sobre os animais que foi o tema do dia relacionado a questões do meio ambiente.

No segundo caso, obedecendo à tabela 1, M.A como no primeiro caso também se encontra no nível silábico alfabético, em sua evolução já vem percebendo a necessidade de fonetizar cada palavra, a insuficiência de suas hipóteses de associar uma letra para cada sílaba oral amplia seu campo de fonetização.

Segundo Ferreiro (1985), a passagem da hipótese silábica para a alfabética constitui-se num momento fundamental da evolução psicogenética da leitura e da escrita, o indivíduo abandona a hipótese silábica e descobre a necessidade de fazer uma análise que vai além da sílaba, pelo conflito entre a hipótese silábica e a exigência de quantidade mínima de grafia.

Observamos sua escrita no **Recorte 4** retirado do **“**Blog da Turma de 3° ano/O Índio[4]”:

Recorte 4 – Foto da atividade do dia 06/05/2010



Essa atividade consistia em um trabalho de investigação acerca do modo de viver dos índios desenvolvido com a turma de 3° ano no Projeto de Aprendizagem. Podemos observar que M.A nessa atividade registrou o que descobriu acerca do grupo indígena que pesquisava, o aluno escreveu utilizando letra cursiva e demonstrava saber o que estava escrevendo, no entanto quando era solicitado para fazer a leitura, o aluno não conseguia compreender sua escrita. Observem que ele fez a ação de apagar e escrever várias vezes a mesma palavra, por isso podemos enxergar os borrões na palavra “**roupa”** e na palavra “**também”** e ainda na palavra “**se pintam”** vemos a falta de algumas letras e a aglutinação das letras.

A impossibilidade de leitura pela própria criança que produziu certa escrita do tipo silábico constitui-se um enorme conflito para ela. A criança vislumbra assim o princípio alfabético da escrita e avança para o nível silábico alfabético. Para chegar a esse nível, o aluno percorre um caminho longo e amplo chamado psicogênese, em que interferem, simultaneamente, o corpo, afetividade e a inteligência, assim como o contexto social e cultural do qual o aluno faz parte (FERREIRO, 1985). Nesse nível as hipóteses que elaboram acerca do sistema de escrita e de leitura conduzem a

4

Blog da Turma de 3° Ano/O índio: compreende a um espaço digital onde foi registrado o desenvolvimento do Projeto de Aprendizagem chamado O Índio pela turma de 3° ano de uma Escola de Ensino Regular.

criança acrescentar letras na palavra e a produzir escritas ora silábicas, ora alfabéticas, mas permanece o problema da codificação, de como ler o que escreveu.

Em relação ao estágio de desenvolvimento M.A apresenta características do estágio operatório concreto, já sendo capaz de relacionar diferentes aspectos e abstrair dados da realidade. Em relação à língua como objeto do conhecimento elabora hipóteses sujeitas à reversibilidade do pensamento, ou seja, já apresenta capacidade de anular a hipótese anterior para acomodar uma próxima. Segundo Piaget (1974), a assimilação consiste na tentativa do indivíduo em solucionar uma determinada situação a partir da estrutura cognitiva que ele possui naquele momento específico de sua vida. Representa sempre uma tentativa de integração de aspectos experienciais aos esquemas previamente estruturados, ou seja, o indivíduo busca retirar do objeto do conhecimento informações que lhe pareçam necessário abandonado as outras que não lhe são mais tão importantes.

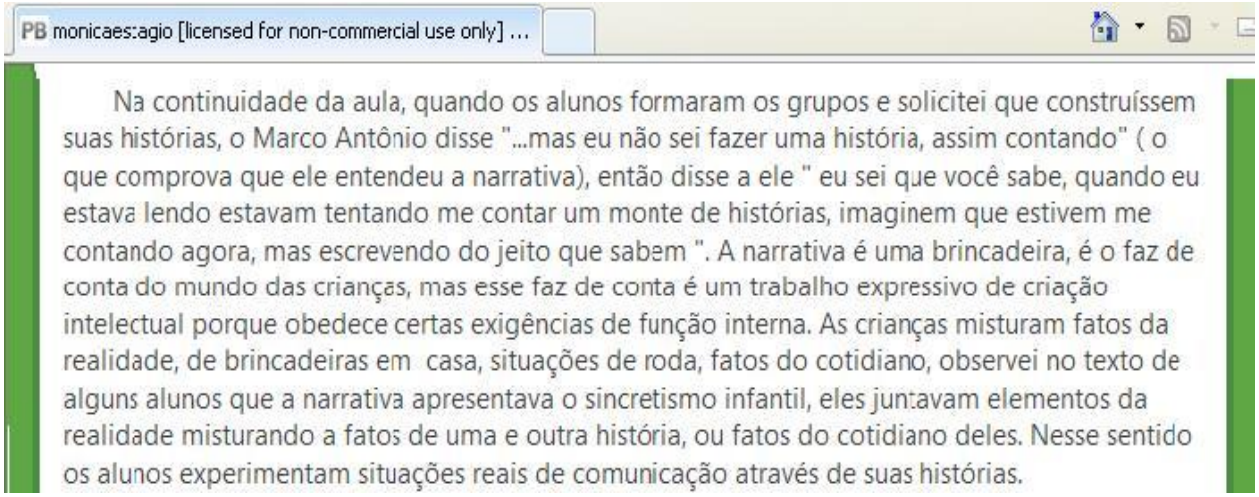
A criança, o aluno na medida em que está em constante atividade de interpretação da realidade que o rodeia procura se adaptar a ela. Nesse período o egocentrismo que caracteriza a fase anterior dá lugar à capacidade da criança de estabelecer relações e coordenar pontos de vista diferentes do seu, ela começa a realizar operações mentalmente e interiorizar as ações. Contudo embora consiga raciocinar de forma coerente as ações executadas mentalmente se referem nesta fase a objetos passíveis de serem manipulados ou situações que possam ser imaginadas de forma concreta.

Acerca do processo de apropriação do conhecimento sob uma perspectiva epistemológica Moll explica:

> O processo de conhecimento implica em permanente equilíbrio, desequilíbrio e reequilíbrio. Esse último, que representa regulação e reorganização é sempre de ordem superior. A assimilação, a acomodação e adaptação precisam ser compreendidas à luz da equilibração, uma vez que essa é majorante, ou seja, sempre acresce algo novo. No confronto com cada realidade nova há possibilidade de avanço, mudanças nos esquemas mentais, pois há reorganização do conhecimento em sua totalidade. (MOLL, 1996, p.90).

Em relação ao processo de letramento, considerando que os alfabetizandos vivem em uma sociedade letrada, em que a língua escrita está presente em diversas atividades cotidianas, o aluno M.A apresenta características que evidencia sua participação em práticas de letramento, no entanto bastantes restritas devido ao seu contexto familiar. Podemos analisar o Recorte 5 do Pbworks:

Recorte 5 – Foto da atividade do dia 24/05/2010



PB monicaesagio [licensed for non-commercial use only] ...

Na continuidade da aula, quando os alunos formaram os grupos e solicitei que construíssem suas histórias, o Marco Antônio disse "...mas eu não sei fazer uma história, assim contando" (o que comprova que ele entendeu a narrativa), então disse a ele " eu sei que você sabe, quando eu estava lendo estavam tentando me contar um monte de histórias, imaginem que estivem me contando agora, mas escrevendo do jeito que sabem ". A narrativa é uma brincadeira, é o faz de conta do mundo das crianças, mas esse faz de conta é um trabalho expressivo de criação intelectual porque obedece certas exigências de função interna. As crianças misturam fatos da realidade, de brincadeiras em casa, situações de roda, fatos do cotidiano, observei no texto de alguns alunos que a narrativa apresentava o sincretismo infantil, eles juntavam elementos da realidade misturando a fatos de uma e outra história, ou fatos do cotidiano deles. Nesse sentido os alunos experimentam situações reais de comunicação através de suas histórias.

O aluno M.A na aula envolvendo contação de histórias a todo o momento queria intervir, contar suas histórias também, demonstrando interesse pela narrativa e entendimento acerca do contexto geral da história. Podemos constatar que o aluno reflete acerca da função e o significado das mensagens que fazem parte de nosso cotidiano, o que pressupõe envolvimento em práticas letradas. No entanto, como os demais alunos da turma de 3° ano, M.A possui pouco acesso a livros literários, a textos variados, fábulas, contos diversos, enfim, materiais que enriquecem o mundo letrado da criança. Em minha concepção esse acesso que se restringe apenas a um tipo de letramento, o escolar, torna o processo de aprendizagem da lectoescrita mais difícil. É preciso levar o aluno a compreender os mais variados usos sociais da escrita e as competências a eles associados, embora seja necessário considerar os níveis de letramento, dos mais elementares aos mais complexos.

O terceiro estudo de caso trata-se do aluno L.W, que apresentava grandes dificuldades para decodificar as palavras, fazer relações grafema/fonema e ler sua própria escrita. Um conhecimento fundamental que os alunos precisam adquirir no seu processo de alfabetização diz respeito à natureza da relação da escrita e a cadeia sonora das palavras que tentam ler ou escrever. Nesse sentido muitas crianças chegam a elaborar a hipótese silábica, acreditando que cada letra representa uma sílaba e não um fonema como temos acompanhado nos estudos da psicogênese da escrita.

Tenho observado que L.W apresenta esse perfil, está dentre os alunos que tem maiores dificuldades no processo de aquisição da escrita e da leitura e encontra-se no nível silábico. Abaixo, o Recorte 6 do registro das reflexões acerca do nível de alfabetização da turma de 3° ano no Pbworks de estágio nos dá esse entendimento:

Recorte. 6 - Reflexão do dia 10/05/2010

PB monicaestagio [licensed for non-commercial use only] ...

Embora estejam no 3º ano, o que se pressupõe que todos estivessem alfabetizados, no entanto não é o que a realidade apresenta. Alguns alunos estão silábicos, outros silábicos alfabéticos e apenas quatro alunos estão alfabetizados. Considerando esses níveis e estágios cognitivos em que os alunos se encontram tenho refletido sobre formas de organizar a turma para preparar atividades diferenciadas de acordo com os níveis. A atividade com jornais me levou a refletir acerca da psicogênese da língua escrita e da leitura, segundo Emília Ferreiro. Ainda percebi que há alunos em transição de níveis, do silábico para o silábico alfabético. Quando solicitei que a

Outra questão que colabora para as dificuldades de L.W é a participação quase nula em práticas sociais de leitura e escrita. O aluno provém de uma família de zona rural, com baixo nível de escolaridade e pouco acesso a objetos portadores de texto. Sabemos, por exemplo, que entre uma criança de um grupo urbano de classe média e uma criança como L.W não há necessariamente uma grande diferença quanto aos objetos portadores de textos com os quais podem entrar em contato, mas obviamente haverá uma diferença na variedade desses objetos e na frequência da presença desses objetos e de sua utilização.

Segundo as informações contidas nos registros realizados no Pbworks de Estágio, o aluno L.W apresenta pouco envolvimento em eventos letrados, apenas no contexto escolar, que reflete no seu processo de desenvolvimento da lectoescrita. É possível também observar tais reflexões do plano de aula desenvolvido com a turma de 3° ano Apêndice 2 neste trabalho.

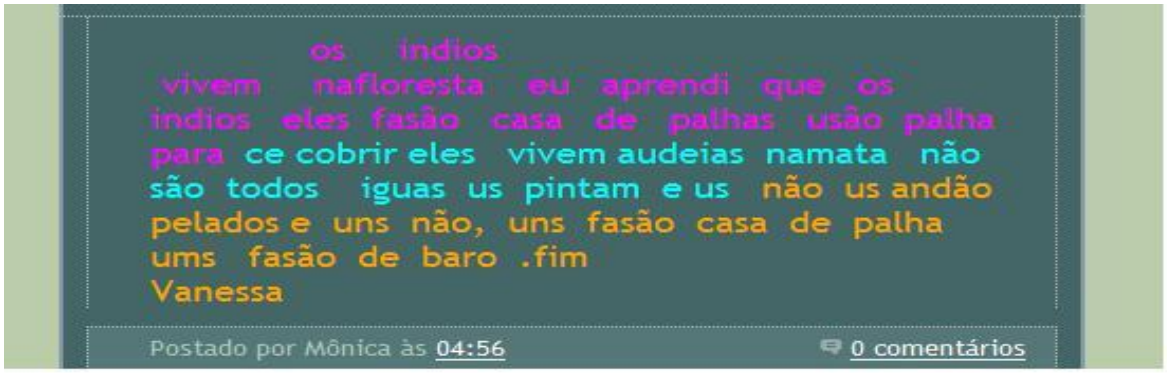
Em continuidade, considerando o sujeito epistemológico, sob análise percebe-se que o aluno L.W em relação ao estágio de desenvolvimento encontra-se em momento de transição do estágio pré-operatório para o estágio operatório concreto, embora tenha 09 anos que corresponde ao operatório concreto. No entanto a respeito das idades, Piaget explica:

> Em determinada população podemos caracterizar os estádios por uma cronologia, mas esta é extremamente variável; depende da experiência anterior dos indivíduos, e não apenas de sua maturação; depende, principalmente, do meio social, que pode acelerar ou retardar o aparecimento de um estádio, ou mesmo impedir sua manifestação. (1974, p.200)

Apresenta domínio e exercício da percepção, e uma gradual reversibilidade do pensamento vem sendo observada, o que aponta para o estágio operatório concreto, no entanto ainda possui resquícios de sentimentos morais heterogêneos e pensamento egocêntrico expresso na maioria de suas atitudes em sala de aula, o que caracteriza o estágio pré-operatório ou também chamado simbólico.

O último caso representativo da turma de 3° ano trata-se da aluna V.S. que é um dos poucos alunos alfabetizados. Aluna reconhece as unidades fonológicas, compreende que cada letra corresponde a valores sonoros menores que a sílaba, ou seja, reconhece o som das letras. V.S. encontra-se no nível alfabético de evolução da escrita, consegue estabelecer uma vinculação mais coerente entre leitura e escrita, escreve do jeito que fala e procura adequar a sua escrita ao sonoro. Vejamos provas dessa análise no Recorte 7 abaixo, retirado do Blog da Turma de 3° ano no desenvolvimento do Projeto de Aprendizagens:

Recorte. 7 - Foto da atividade do dia 07/06/2010


os indios
vivem nafloresta eu aprendi que os
indios eles fasão casa de palhas usão palha
para ce cobrir eles vivem audeias namata não
são todos iguas us pintam e us não us andão
pelados e uns não, uns fasão casa de palha
ums fasão de baro .fim
Vanessa
Postado por Mônica às 04:56
0 comentários

A evolução da escrita de V.S. aponta o caminho pelo qual todos devem passar até a consolidação da relação grafema-fonema, indispensável para compreensão e uso do sistema alfabético. A aluna apresenta na oração aglutinação

de palavras quando escreve “**nafloresta**”, mas demonstra domínio da escrita como podemos observar ao escrever uma palavra mais complexa como “**floresta**”, com encontro consonantal. Ainda apresenta dificuldades na concordância verbal, o que considero natural devido ao fato de que nesse nível a criança ainda não encontra solução para todos os problemas no que se refere à escrita e a leitura, “as regularizações ortográficas serão posteriormente alvo de atenção e questionamento” (MOLL, 1996). É importante lembrar que o processo de alfabetização e letramento em consolidação se estende por todos os anos das séries iniciais.

Emília Ferreiro e Ana Teberosky explicam em sua obra Psicogênese da Língua Escrita que o caminho ao conhecimento não se dá objetivamente de forma linear:

> “... não nos aproximamos dele passo a passo, juntando peças de conhecimento umas sobre as outras, mas sim através de grandes reestruturações globais, algumas das quais errôneas [...], porém construtivas. Para uma psicologia piagetiana, é chave o poder distinguir dentre os erros, aqueles que constituem pré-requisitos necessários para a obtenção da resposta correta. [...] A necessidade de permitir ao sujeito passar por períodos de erro construtivo é uma tarefa de fôlego, que demandará outra classe de esforços”. (FERREIRO e TEBEROSKY, 1985, p.31,32)

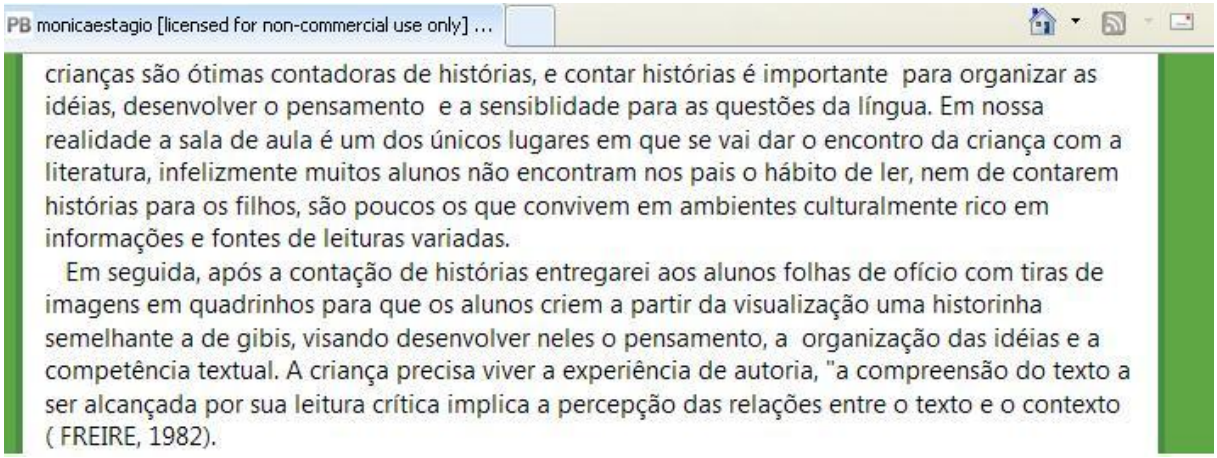
Aprofundando a análise, a aluna em relação ao estágio de desenvolvimento cognitivo apresenta características do estágio operatório concreto. Esse estágio é caracterizado por uma lógica interna consistente como vimos na descrição na tabela 1, e pela habilidade de solucionar problemas concretos, ou seja, o progresso no conhecimento ocorre através de conflitos cognitivos, quando o sujeito sente necessidade de modificar seus esquemas assimiladores num esforço de tentar acomodar novas hipóteses agindo sobre o objeto do conhecimento.

Como podemos ver existem relações dinâmicas altamente complexas entre os processos de desenvolvimento e de aprendizado. Vygotsky em sua conhecida obra a “Formação Social da Mente” (1984) afirma que um aspecto essencial do aprendizado é o fato de ele criar a Zona de Desenvolvimento Proximal, isto é, o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento na criança que ocorre na interação com pessoas e com o meio. Sob a ótica do estudioso, a Zona de Desenvolvimento Proximal da criança pressupõe nossa mediação como educadores para consolidarem o conhecimento sobre o código alfabético que estão

construindo a partir da interação social que estabelecem também em outros espaços.

Nesse sentido cabe analisar também o nível de letramento de V.S., sua participação em eventos e práticas sociais de escrita e de leitura. Durante a aula em meu período de estágio curricular aluna demonstrava interesse por eventos letrados, como contação de histórias, teatro de fantoches, contato com gibis e histórias infantis, mas esse é apenas um tipo de letramento que ocorre no contexto escolar, no tocante a demais prática de letramentos percebe-se que aluna V.S. não traz muitas experiências decorrentes do seu contexto social. Observamos no Recorte. 8 extraído do Pbworks de estágio a parte de uma reflexão que justifica tal consideração:

Recorte. 8 - Foto da atividade do dia 27/05/2010


PB monicaestagio [licensed for non-commercial use only] ...

crianças são ótimas contadoras de histórias, e contar histórias é importante para organizar as idéias, desenvolver o pensamento e a sensiblidade para as questões da língua. Em nossa realidade a sala de aula é um dos únicos lugares em que se vai dar o encontro da criança com a literatura, infelizmente muitos alunos não encontram nos pais o hábito de ler, nem de contarem histórias para os filhos, são poucos os que convivem em ambientes culturalmente rico em informações e fontes de leituras variadas.

Em seguida, após a contação de histórias entregarei aos alunos folhas de ofício com tiras de imagens em quadrinhos para que os alunos criem a partir da visualização uma historinha semelhante a de gibis, visando desenvolver neles o pensamento, a organização das idéias e a competência textual. A criança precisa viver a experiência de autoria, "a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 1982).

A aluna V.S. compreende o uso social da escrita na cultura escolar, mas ainda apresenta pouca autonomia para fazer uso social fora dela. Sua dificuldade maior concentra-se leitura, que acredito ter relação com seu nível de letramento. Atitudes como gostar de ler e interessar-se pela leitura e por livros são construídas para algumas pessoas no espaço familiar e em outras esferas de convivência em que a escrita circula, bem como a compreensão global do que se lê, o que futuramente contribui para formar leitores proficientes.

7 ATIVIDADES QUE CONTRIBUÍRAM PARA A EVOLUÇÃO DOS ALUNOS EM SEU PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Aprender a ler e escrever é fundamental na sociedade letrada na qual as crianças fazem parte, são práticas essenciais para integrar a pessoa no mundo como cidadão. Não basta apenas se apropriar dos códigos linguísticos ou da escrita ortográfica, mas compreender as mensagens que os textos ou histórias que circulam em nosso meio transmitem, é necessário compreender a função e o significado da escrita para desenvolver competências e habilidades para atuar no mundo letrado.

Mediante as experiências vivenciadas durante meu período de estágio curricular em Pedagogia tendo como foco o processo de alfabetização e letramento dos alunos de 3° ano em uma escola de ensino regular, pretendo elencar aqui neste trabalho algumas dessas práticas e experiências desenvolvidas em sala de aula que colaboraram para evolução desses alunos.

Durante esse período desenvolvi com os alunos um Projeto de Aprendizagem (PA) [5] que se originou da curiosidade dos alunos acerca dos Índios, e se encontra disponível em http://blogdaturma3ano.blogspot.com/.

Nos Projetos de Aprendizagem a metodologia está pautada na aprendizagem e não no ensino. Sob uma perspectiva construtivista sócio interacionista, a aprendizagem requer a ação do sujeito sobre o objeto do conhecimento e na interação com o meio, e no ensino o professor é detentor e transmissor de conhecimentos acumulados. Numa concepção tradicional o conhecimento é transmitido da maneira e com a qualidade que o professor achar mais pertinente, o aluno não possui escolha, é oportunizado a ele pouca interatividade, o professor é o agente do processo, o modelo pedagógico presente é o da transmissão de conhecimento.

Nos PAs o processo é diferente, o tema a ser estudado é levantado pelo aluno, à concepção presente de aprendizagem é a construção do conhecimento, na escolha dos assuntos prioriza-se a curiosidade e os desejos dos aprendizes, considerando sua história de vida, seus interesses, necessidades e condições

---

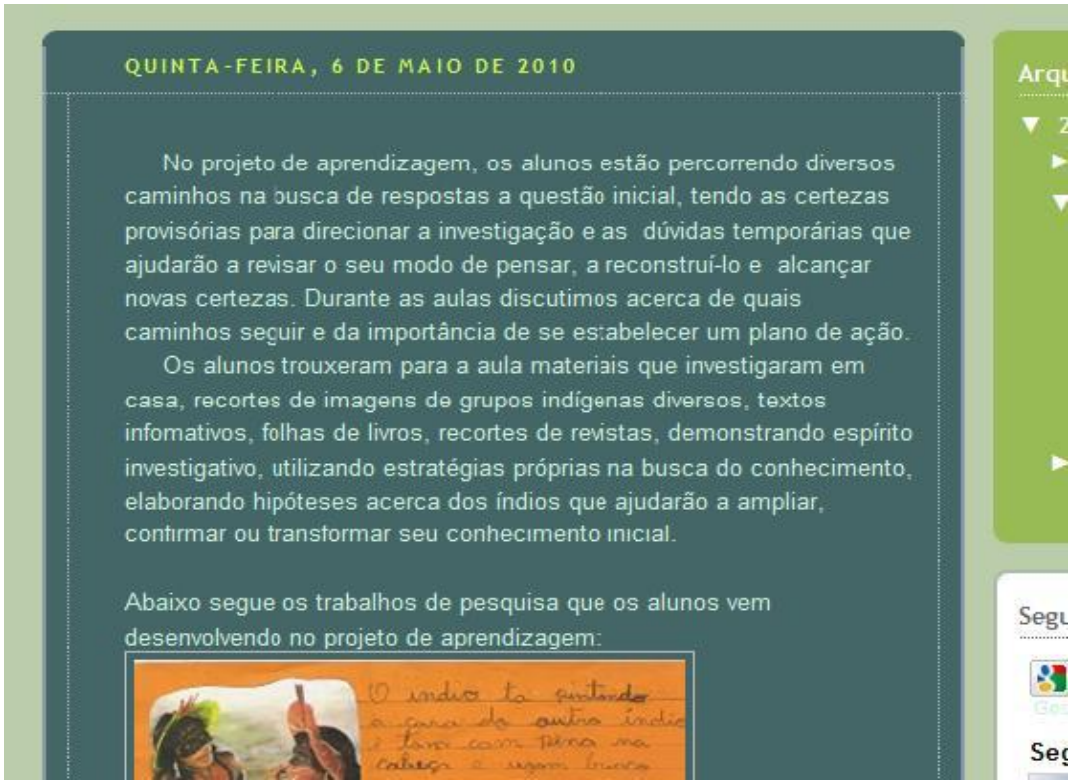
5

Projeto de Aprendizagem (PA): Metodologia de aprendizagem focada na aprendizagem e não no ensino dos alunos que observa e prioriza a ação do sujeito sobre o objeto do conhecimento e na interação com meio, valoriza a curiosidade e a investigação.

pessoais, ao professor cabe problematizar, intervir de forma desafiadora para que o conflito cognitivo leve o aluno a pensar, a questionar e argumentar expressando suas dúvidas.

Nesse sentido, o trabalho com PAs foi extremamente positivo no aprendizado dos alunos, podemos analisar no Recorte 9 uma parte descrevendo a interação dos alunos de 3° ano nas atividades desenvolvidas retirada do Blog da Turma:

Recorte 9 - Foto da atividade do dia 06/05/2010


QUINTA-FEIRA, 6 DE MAIO DE 2010

No projeto de aprendizagem, os alunos estão percorrendo diversos caminhos na busca de respostas a questão inicial, tendo as certezas provisórias para direcionar a investigação e as dúvidas temporárias que ajudarão a revisar o seu modo de pensar, a reconstruí-lo e alcançar novas certezas. Durante as aulas discutimos acerca de quais caminhos seguir e da importância de se estabelecer um plano de ação.

Os alunos trouxeram para a aula materiais que investigaram em casa, recortes de imagens de grupos indígenas diversos, textos informativos, folhas de livros, recortes de revistas, demonstrando espírito investigativo, utilizando estratégias próprias na busca do conhecimento, elaborando hipóteses acerca dos índios que ajudarão a ampliar, confirmar ou transformar seu conhecimento inicial.

Abaixo segue os trabalhos de pesquisa que os alunos vem desenvolvendo no projeto de aprendizagem:

O trabalho com Projeto de Aprendizagem foi uma estratégia de ensino que instigou a discussão, a confrontação de ideias e a exposição das hipóteses dos alunos, levando a construção do conhecimento por meio da interação nos diferentes espaços. Utilizamos a biblioteca para pesquisas, o laboratório de informática para postar as atividades no blog que eles mesmos criaram, e a utilização das ferramentas tecnológicas como a internet e o computador implicou na expansão da linguagem e da lectoescrita devido aos movimentos de digitar e criar textos no

desenvolvimento do PA. Essa proposta ofereceu a possibilidade de um trabalho interdisciplinar e instrumentos efetivos para uma multiciplicidade de significações que se originam nas vontades dos sujeitos e o desenvolvimento da autonomia quando atuam sobre objeto do conhecimento.

Outra atividade que pretendo destacar encontra-se em Apêndice 3 neste trabalho, que envolve o objetivo de fortalecer e expandir o processo de alfabetização e letramento dos alunos. Nesta atividade observamos o papel de mediador, ou seja, ao professor cabe a incumbência de acompanhar as atividades dos alunos, de trazer questões que geram conflitos cognitivos, de problematizar situações em sala de aula para manter o interesse e a atenção dos alunos, então desta forma faz-se possível saber o que estão aprendendo e que conhecimentos prévios estão envolvidos.

Nos processos de alfabetização e letramento é visto que a atividade desenvolvida com os alunos na aula prática trouxe considerável contribuição visto que foi realizada em meio ambiente de descontração, aliando o lúdico à aprendizagem da escrita. Os alunos ao confeccionarem o barquinho de papel, o faziam de forma cooperativa, com prazer, com alegria, pois estavam agindo sobre objeto do conhecimento, dessa forma depois de confeccionado o barco de papel, ao retirarem as sílabas para formarem palavras e frases ao som da paródia, o sistema de escrita passou a ser visto no momento não mais como um conjunto de modelos e regras a serem introjetadas, mas um sistema articulado a ser desvendado, ou seja, não como algo mecânico e maçante, e sim algo prazeroso a ser descoberto. Observamos no Recorte10 retirado do Pbworks de Estágio o professor que se preocupa com o processo de aprendizagem do aluno:

Recorte 10 - Reflexão do dia 03/05/2010

PB monicaestagic [licensed for non-commercial use only] ..

ter receio de criar palavras a partir da sílaba que pegavam dentro do barco. Considerando a perspectiva construtivista de aprendizagem, o conhecimento não é visto como algo a ser consumido e acumulado, mas sim algo a ser produzido, construído pelo aluno enquanto sujeito e não enquanto objeto de aprendizagem. Pensando nesse sentido desenvolvi essa atividade para desencadear reflexões sobre a forma como a língua escrita se organiza.

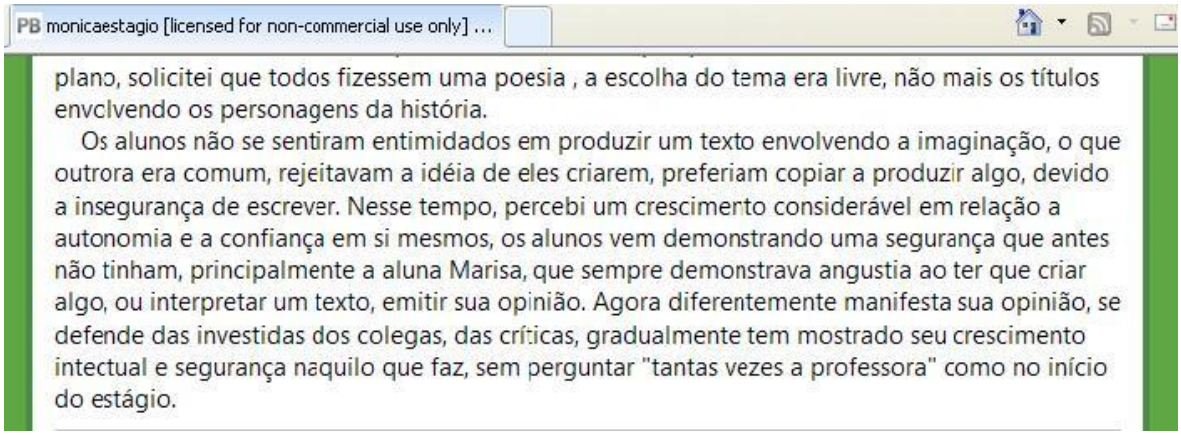
Os alunos mostraram a necessidade de atuarem sobre o objeto de estudo, são alunos curiosos, e para eles o fato de construírem o barco, colocar a mão nas sílabas, manipular as fichinhas, os faz se sentir mais seguros acerca da construção de hipóteses sobre o sistema da escrita.

Foram muitas as atividades que contribuíram para a evolução dos alunos da turma de 3° ano em consolidação dos processos de alfabetização e letramento.

A ação de produzir é muito importante para o aluno, portanto é necessário ter objetivos bem definidos e um plano para sequenciar. A perspectiva construtivista interacionista ampara os profissionais comprometidos com o aprender do aluno, e atividades bem elaboradas ancorada no diálogo, na troca de informações, na observação, no respeito aos níveis de desenvolvimento cognitivo e intelectual do aluno são imprescindíveis para a evolução do educando.

O Recorte 11 retirado de uma reflexão acerca da turma no geral, que antecede a última semana de estágio do Pbworks apresenta evidências da evolução dos alunos de 3° ano mediante as muitas atividades realizadas durante o meu período de estágio curricular. Vejamos:

Recorte 11 – Reflexão do dia 01/06/2010


PB monicaestagio [licensed for non-commercial use only] ...

plano, solicitei que todos fizessem uma poesia , a escolha do tema era livre, não mais os títulos envolvendo os personagens da história.

Os alunos não se sentiram entimidados em produzir um texto envolvendo a imaginação, o que outrora era comum, rejeitavam a idéia de eles criarem, preferiam copiar a produzir algo, devido a insegurança de escrever. Nesse tempo, percebi um crescimento considerável em relação a autonomia e a confiança em si mesmos, os alunos vem demonstrando uma segurança que antes não tinham, principalmente a aluna Marisa, que sempre demonstrava angustia ao ter que criar algo, ou interpretar um texto, emitir sua opinião. Agora diferentemente manifesta sua opinião, se defende das investidas dos colegas, das críticas, gradualmente tem mostrado seu crescimento intectual e segurança naquilo que faz, sem perguntar "tantas vezes a professora" como no início do estágio.

O trecho descreve a evolução da turma em relação tanto a autonomia, ao desenvolvimento cognitivo quanto ao processo de letramento e alfabetização, pois podemos ver que os alunos estavam elaborando nessa atividade uma poesia sem sentirem maiores dificuldades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A língua é um sistema que se estrutura no uso e para o uso escrito e falado sempre contextualizado. O desenvolvimento das capacidades linguísticas de ler e escrever com compreensão não ocorre espontaneamente como a aprendizagem da fala pela criança nas diferentes situações familiares, mas precisam ser ensinadas sistematicamente e isso ocorre nos anos iniciais de escolarização do Ensino Fundamental. No entanto muitas crianças chegam a 4ª série com muitas dificuldades de alfabetização e letramento, muitas delas não alcançam as competências necessárias para o domínio dos campos da leitura, da produção de textos escritos e da compreensão de textos orais.

Aceitar que a criança pode ler ou escrever de diferentes formas sem ter que passar obrigatoriamente pelo domínio do código significa reconhecer que ela pode gerar conhecimentos próprios e complexos sobre a escrita não se limitando ao reconhecimento da letra ou do tipo de unidade (letra, sílaba, palavras) uma vez que já traz um repertório ao entrar na escola. As pesquisas psicogenéticas no campo da alfabetização mostram que a criança começa o aprendizado da língua escrita muito antes de entrar na escola, nos mais diversos contextos cotidianos em que a língua é utilizada como objeto de conhecimento cultural e social, configurando formas de letramentos.

Estudiosos e pesquisadores tem trabalhado para compreender a elaboração do pensamento daquele que aprende, por exemplo, como funciona o pensamento da criança quando está aprendendo a ler e escrever.

Piaget preocupou-se em explicar a maneira como a criança interage com o mundo e com as pessoas para chegar ao conhecimento. Pela ótica do estudioso vimos que o conhecimento é construído na interação do sujeito com o objeto de aprendizagem, que a criança aprende, apodera-se de um conhecimento ao agir sobre ele. Na prática do meu estágio ficou para mim confirmado que a criança desenvolve hipóteses de pensamento acerca da linguagem escrita em meio a diversas situações de comunicação.

Naturalmente, fatores de ordem sociocultural influenciam o estágio em que as crianças se encontram, mas a maioria segue passos semelhantes antes de se apropriar do sistema de escrita. Em cada nível, os alunos usam procedimentos

comuns, formulando hipóteses diferentes daquelas das quais se utilizarão no futuro, sempre buscando construir um sistema que se assemelhe ou alcance a escrita dos adultos.

As investigações sobre a psicogênese da língua escrita demonstram que o educador alfabetizador precisa conhecer as regras e os princípios que orientam o processo de aquisição da leitura e escrita. Essas regras apontam para um caminho processual e individual que se inicia com a diferenciação dos traçados que a criança faz quando intenciona rabiscar, desenhar, escrever e continua com certas exigências que vão se agregando à intenção de que essa escrita realmente diga algo até chegar à compreensão da relação de sentido entre letras e fonemas, palavras e frases. Conhecer o nome das letras é necessário para poder ler e escrever, mas há todo um processo de reconstrução do sistema de escrita que transcende o conhecimento das letras, da mesma maneira que ler é mais do que sonorizar as letras e relacioná-las aos aspectos composicionais da fala.

Se conclui que é imprescindível conhecer os princípios teóricos metodológicos que orientam os processos de alfabetização e letramento para que seja possível identificar e minimizar as dificuldades que decorrem desses processos. Sem essa capacidade de análise, o professor e a instituição escolar podem se revelar incapazes de proporcionar atividades e meios de interação eficazes na promoção da alfabetização, mesmo depois de anos de estudo do aluno, como se verifica muitas vezes nas escolas. O adequado conhecimento do processo de aprendizagem por parte do professor permite também elaborar atividades diversas que conduzam os alunos a maior interação, participação e ao desenvolvimento da autonomia, como o trabalho com PA que valoriza a ação do sujeito sobre o objeto do conhecimento e efetivamente contribuiu na superação de dificuldades de aprendizagem.

Ter o entendimento de como a criança se desenvolve cognitivamente favorece uma prática pedagógica segura. Nesse sentido a avaliação do aluno acerca da aprendizagem ocorre de maneira processual e contínua, sendo possível fazer diagnósticos mais precisos de como este ou aquele aluno aprende, de como atua sob o objeto do conhecimento e quais dificuldades apresenta no processo de aprendizagem.

Analisar os níveis de evolução da escrita e da leitura dos alunos sob uma perspectiva construtivista interacionista ajuda no diagnóstico de dificuldades comuns

entre os alunos e, logo, na superação de dificuldades relacionadas à alfabetização e letramento. É importante compreender também os conceitos envolvidos nesses processos, vimos que alfabetização e letramento são distintos, cada um com suas especificidades, mas complementares e inseparáveis, portanto é fundamental alfabetizar letrando. Não se trata pensar os dois processos como sequenciais, como se um viesse após o outro, mas sim conciliar esses dois processos assegurando aos alunos a apropriação do sistema alfabético em práticas sociais de leitura e escrita. Entende-se, portanto que a ação pedagógica mais adequada e eficiente é aquela que contempla simultaneamente e de maneira articulada a alfabetização e o letramento, garantindo aos alunos a integração social e o exercício pleno da cidadania.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e Letrar: um diálogo entre a teoria e a prática.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2005

FERREIRO, E. TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FERREIRO, Emília**. "Alfabetização e cultura escrita"**, Entrevista concedida à Denise Pellegrini In *Nova Escola – A revista do Professor*. São Paulo, Abril, maio/2003, ed. 27 – 30.

MOLL, Jaqueline. **Alfabetização possível: reinventando o ensinar e o aprender**. Porto Alegre: Mediação, 1996

PIAGET, J. **A Epistemologia Genética e a Pesquisa Psicológica**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1974.

_____**Aprendizagem e Conhecimento**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1979.

_____ **O desenvolvimento do pensamento: equilibração das estruturas cognitivas**. Lisboa: Dom Quixote, 1977.

_____**O Nascimento da Inteligência na Criança**. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

SALLES, Jerusa Fumagalli de. **Habilidades e Dificuldades de Leitura e Escrita em Crianças de 2ª Série: Abordagem Neuropsicológica Cognitiva.** Porto Alegre: UFRGS, 2005.305 p. Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de Pós Graduação em Psicologia do Desenvolvimento/ Instituto de Psicologia/ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

10 APÊNDICES

Apêndice 1

Reflexão sobre a ação:

Considerando as dificuldades da turma com relação à linguagem oral e escrita, considero importante mantê-los em contato com textos diários, apresentando textos e leituras diversificadas relacionadas ao tema do Projeto Raízes. Cada comunidade apresenta características e cultura própria, assim o aluno depara-se com uma diversidade de objetos culturais que muitas vezes não está acostumado, pois fazem parte de práticas sociais diversas daquelas que o grupo familiar cultiva.

Com o desejo de ampliar o universo cultural e letrado dos alunos de 3º ano aliei ao Projeto Raízes práticas de leitura com textos diversos.

Nessa aula iniciei com o texto "Minha Família", do livro" O Diário de Abner" de Graziela Lydia Monteiro que falava das características da família, composição e estrutura, uma leitura agradável e de fácil compreensão. Utilizando esse tema dei início a busca aos objetivos, achei importante explorar o conceito de família com a turma porque ajuda a se ter idéia do que é um grupo social, e depois o conceito de comunidade para poder seguir no propósito de melhor conhecer e explorar a comunidade Vila Fernando Ferrari, a qual fomos contemplados no Projeto Resgatando Raízes.

Essa primeira aula foi muito proveitosa, pude colher informações de que conceitos a classe formava sobre família, origem, grupo e utilizar o texto para explorar a leitura, expandindo a linguagem. Senti satisfação porque consegui propiciar situações de aprendizagem em que os alunos podiam desenvolver as capacidades de falar, escutar, ler e escrever. Alguns citaram que

PB monicaestagio [licensed for non-commercial use only] ...

Foi muito interessante ver que o tema os deixava bem pensativos, contudo ainda preciso elaborar uma maneira de envolver os alunos ainda mais no sentido de direcionar a atenção deles e promover a disciplina. Já sinto que estabeleci vínculo afetivo com a turma, que já vinha assumindo proporções satisfatórias durante o período de observação, que no meu pensar propicia avanços significativos no processo de aprendizagem.

Durante a atividade do quadro silábico, o jogo foi satisfatório ao integrar o lúdico ao momento de aprendizagem, e fiquei um tanto surpresa que a maioria dos alunos reconhece as famílias silábicas, no entanto, não conseguem escrever palavras com autonomia, não conseguem construir frases de acordo com o nível de alunos de 3º ano, estabelecem poucas relações entre os seguimentos lidos e os seguimentos escritos. A professora titular também sente essa angustia, e por essa razão verifquei o histórico da turma, conversando com a coordenadora da escola, ela me disponibizará um relatório que faz uma descrição da turma explicando essa defazagem na

Apêndice 2

PB monicaestagio [licensed for non-commercial use only] ...

Reflexão sobre a ação:

Nessa aula achei pertinente explorar a escrita e a leitura através da interdiciplinaridade, já que venho percebendo o problema de alfabetização que a turma se encontra. Apresentei a eles o texto " A Chácara do Chico Bolacha" de Cecília Meireles no desejo de trabalhar dificuldades ortográficas, e como visitamos uma chácara na saída de campo, ficaria possível fazer relação.

Na leitura do texto, observei que alguns acompanhavam, mas a maioria se perdia quando era solicitado a ler o próximo parágrafo, alguns por distração, mas grande parte da turma por não reconhecer as palavras, ou a mior parte das palavras de uma frase. Fiquei imaginando o que poderia estar acontecendo, e acredito que praticamente toda a turma, com excessão de três alunos, não se apropriaram da escrita alfabética. Minhas investigações apontam para a necessidade de conhecendo-se a natureza da linguagem escrita, saber priorizar quais aspectos devem ser abordados ao longo desse processo de continuidade da alfabetização. Tenho retomado os textos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky sobre a Psicogênese da Língua Escrita para de forma mais adequada desenvolver este trabalho, pois compreender como as letras se combinam para representar sons da fala não é suficiente para o aluno para atribuir sentido aos textos que circulam no mundo.

Tenho construído um quadro silábico que utilizo como jogo pedagógico para de forma lúdica ajudá-los a perceber características pertinentes a leitura, formação e escrita de palavras, e assim avançar no desenvolvimento da linguagem.

Focalizei a aula nesse sentido, na escrita de palavras, formação de frases, leitura, mas quando observei que estavam fatigados, achei conviniente mudar o foco, e com uma cantiga de fundo para relaxar retomei a conversa com o grupo sobre a paisagem que observamos na nossa saída de campo, as modificações, a ação do homem, do tempo sobre tal.

Apêndice 3

Tema: Barco das Sílabas

Turma: 3º ano

Objetivos:

- ampliar o vocabulário dos alunos;
- dar continuidade ao processo de alfabetização;
- levar o aluno a se apropriar das ferramentas tecnológicas e entender seus diferentes usos;
- fortalecer a integração entre os alunos .

Conteúdos:

- Silabação;
- Leitura e interpretação;
- História e cultura indígena;

Justificativa:

As maiorias das crianças conseguem aprender num ambiente de descontração e alegria. Para dar continuidade no processo de alfabetização, necessário aos alunos de 3º ano, é importante envolver diferentes estratégias de aprendizagem utilizando o lúdico como aliado nesse processo. Freire (1996) salienta que formar é muito mais que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas, "quem ensina aprende ao ensinar, e quem aprende ensina ao aprender" (p.25).

Desenvolvimento:

A atividade proposta envolve o trabalho manual, portanto na primeira etapa da aula estaremos confeccionando, todos juntos, um barquinho de papel cartaz do qual os alunos retirarão sílabas ao som de uma paródia, formarão palavras com diferentes sentidos e escreverão no quadro. Estarão de forma lúdica, divertida construindo conhecimento, ampliando o vocabulário e desenvolvendo a aprendizagem da escrita.

Em outra etapa levarei a turma ao laboratório de informática para darmos continuidade no projeto de aprendizagem acerca dos índios, solicitarei a todos que entrem na internet e digitem o endereço do blog da turma, colocarei o endereço no quadro para que todos possam encontrar e digitar corretamente, aproveitando o momento para lembrar os alunos a importância da escrita correta, convencional, pois se não escrevermos adequadamente, não conseguiremos encontrar na internet o que procuramos, pesquisamos, enfim. Após todos conseguirem entrar no ambiente, com a ajuda da monitora de informática iremos visualizar o blog, dialogar sobre a pergunta central, discutir acerca das certezas e dúvidas, e solicitarei que um aluno escreva as certezas e dúvidas que a turma elencou

durante as aulas anteriores. Na próxima etapa, será solicitado que outros alunos também escrevam no blog, para exercitar a escrita e incentivar a autonomia do aluno.

No momento final faremos a revisão da aula programada do dia 28 de abril, formaremos um grupo, será solicitado que três alunos se disponham a ajudar a professora a observar as frases construídas, as atividades realizadas e discutir o que aprenderam acerca da aula desse dia.

Reflexão da ação:

Na atividade "O Barco das Sílabas" os alunos mostraram entusiasmo durante todo o processo. Em inúmeros momentos me peguei analisando o quanto é gratificante ver que os alunos aprendem quando se envolvem na atividade quando gostam do que estão fazendo, e por mais gradual que seja, cada vez que avançam no processo fico satisfeita, pois mostra que os esforços do educador não são vãos, e que de uma forma ou outra alcançamos algum tipo de resultado positivo. A atividade propiciou ao aluno ver a língua no momento não mais como um conjunto de modelos e regras a serem introjetadas, mas um sistema articulado a ser desvendado. Tenho pensado em aulas que levem o aluno a se apropriar da língua e do sistema de escrita de forma efetiva e gratificante. Durante a atividade observei que aliando o lúdico, a aprendizagem ocorre naturalmente e de maneira prazerosa. Quando a música parava os alunos ficavam disputando o barco diziam "... quando a música parou era eu que estava segurando, é minha vez..." ou passavam devagar para aumentarem as chances de serem contemplados, sem ter receio de criar palavras a partir da sílaba que pegavam dentro do barco. Considerando a perspectiva construtivista de aprendizagem, o conhecimento não é visto como algo a ser consumido e acumulado, mas sim algo a ser produzido, construído pelo aluno enquanto sujeito e não enquanto objeto de aprendizagem. Pensando nesse sentido desenvolvi essa atividade para desencadear reflexões sobre a forma como a língua escrita se organiza.

Os alunos mostraram a necessidade de atuarem sobre o objeto de estudo, são alunos curiosos, e para eles o fato de construírem o barco, colocar a mão nas sílabas, manipular as fichinhas, os faz se sentir mais seguros acerca da construção de hipóteses sobre o sistema da escrita.

Vitor fez um comentário interessante, que demonstra como ele elabora os conceitos acerca do tema, quando ele pegou a sílaba *"fra"*, disse *"... frase!"* Elogiei, ele continuou *"... mais podia ser fase"*, então perguntei, e como podia ser fase? É diferente de frase? Ele disse *"...sim, fase não tem r no meio e frase tem*! Frase *"é o que a gente escreve, muitas palavras, e fase é um tempo" tornei perguntar, como soube disso? " Ah! "Eu tava pensando aqui, se mudar a letra muda tudo..."*, respondeu Vitor prontamente. Percebi então que ele vem assimilando novos elementos às estruturas cognitivas já construídas anteriormente.

No laboratório de informática em continuidade ao projeto de aprendizagem, os alunos demonstraram impaciência, estavam curiosos e queriam manipular o blog, inicialmente não foi nada fácil, todos queriam entrar e como a internet estava um pouco lenta, demoramos mais que o normal. Após visualizarem, iniciamos um diálogo acerca do que construímos até aquele momento, o que sabiam sobre os índios e as dúvidas que iam surgindo, então elencaram as dúvidas temporárias.